



Ricardo Luiz de Souza

**E os Pomos eram de Ouro: A importância da
Citricultura de Nova Iguaçu para a economia
fluminense e brasileira nas décadas de 1920 à 1940.**

NOVA IGUAÇU

2015

Resumo: O presente trabalho possui como objetivos principais, esmiuçar a evolução da Citricultura no país e o seu grande desenvolvimento no município fluminense de Nova Iguaçu, no período compreendido entre os anos 20 e 40 do século XX. Não obstante, será também analisado nesse trabalho, como a laranja desenvolveu-se como uma alternativa de diversificação econômica, com o intuito de suprimir a grande dependência das exportações do café e como tal produto irá encontrar as condições para se desenvolver em Nova Iguaçu. Assim, discutiremos os incentivos, deliberações e políticas estatais para a laranja ser comercializada com a devida qualidade e pujança, com a adoção dos “*Packing Houses*”, entre outras medidas, além é claro, como o *boom* da produção e exportação de laranjas trará recursos financeiros para o Estado Brasileiro e Fluminense.

Palavras-chave: Citricultura, Laranjas, Nova Iguaçu, *Packing-House*.

Abstract: The being task has the following objectives, detailing in Citrus Production in this country and the great development in municipality of Nova Iguaçu, the period between the 20s and 40s of the 20th. However, also be performed in this task, how the orange has developed as an alternative to economic diversification, with the intention to suppress a heavy dependency of coffee exportation and how this product will find the necessary conditions to develop in nova Iguaçu. Therefore, we discuss incentives, deliberations and State policies for orange commercialization with the appropriate quality and strength, with the adoption of “*Packing Houses*”, among other measures, and, of course, how the boom in production and exportation of oranges brings back financial resources to the Rio de Janeiro and Brazilian State.

Keywords: Citrus Production, Nova Iguaçu, Orange, *Packing Houses*.



Ricardo Luiz de Souza

**E os Pomos eram de Ouro: A importância da
Citricultura de Nova Iguaçu para a economia
brasileira e fluminense nos anos de 20 a 40.**

Monografia apresentada ao curso
de História como requisito parcial
para a obtenção do Título de
Licenciado em História, do
Instituto Multidisciplinar da
Universidade Federal Rural do Rio
de Janeiro.

Orientador:
Prof. Dr. Álvaro Pereira do Nascimento

NOVA IGUAÇU

2015



BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Álvaro Pereira do Nascimento (Orientador)
Instituto Multidisciplinar – Departamento de História e Economia
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Alexandre Fortes
Instituto Multidisciplinar – Departamento de História e Economia
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. João Márcio Mendes Pereira
ICHS – Instituto de Ciências Sociais – Seropédica
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

*Na ciência não há calçadas reais,
e quem aspire alcançar seus luminosos cumes,
tem que estar disposto a escalar a montanha por caminhos acidentados.*

Karl Marx

Prólogo (1872) à edição francesa de *O Capital*.

Dedicatória

Aos meus pais, Antônio dos Reis de Souza e Helena Márcia de Oliveira Souza, que me ensinaram o valor da humildade, do trabalho e do amor ao próximo. E a minha avó materna, Maria Constância de Jesus Souza, que me ensinou que o amor não existe limites.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
 CAPÍTULO 1- EIS QUE SURGE UMA NOVA ATIVIDADE	
ECONÔMICA	10
1.1 Diversificar para sair da crise.....	14
1.2 Os laranjais Iguazuanos.....	18
1.3 A importância da laranja na pauta de exportações brasileiras.....	23
 CAPÍTULO 2- UM NOVO ELDORADO?	
2.1 Incentivos e regulamentações do Estado para a citricultura.....	31
2.2 Os “Packing Houses”.....	37
 CONCLUSÃO	
FONTES	47
BIBLIOGRAFIA	49
ANEXOS	52

TABELAS E IMAGENS

Tabela 1

Número de proprietários e pés de laranja por distrito.....22

Tabela 2-

Área Total de laranjais e sua produção no Estado do Rio de Janeiro em comparação ao total do Brasil no quinquênio 1931/1935.....24

Tabela 3

Volume e Faturamento: Exportação de Laranjas de Nova Iguaçu.....25

Imagem 01

Fotografia do interior de um “Packing House” em Nova Iguaçu..... 42

INTRODUÇÃO

O primeiro contato que tive com a história de Nova Iguaçu, de uma forma mais atuante e pertinente, foi quando trabalhei ao longo de meu 3º período do curso de licenciatura em História com o projeto de digitalização do arquivo de um importante pesquisador da Baixada Fluminense, o professor Ney Alberto¹. A partir dessas fontes, percebi o quanto o período em que as flores dos laranjais exalavam seu perfume pelos ares significou para o desenvolvimento econômico, político e social do município de Nova Iguaçu. Como sou de origem rural, proveniente do interior de Minas Gerais, e com experiência em atividades ligadas à agricultura, interessei-me por essa temática, procurando assim o professor Álvaro Pereira do Nascimento para orientação nessa empreitada².

Feitas as primeiras incursões na bibliografia referente à história econômica nacional percebi de imediato o extenso vazio historiográfico que a citricultura ocupa na história econômica brasileira. Segundo Waldick Pereira, essa cultura teve importante participação nos cofres fluminenses, principalmente a partir do Governo de Nilo Peçanha, que incentivou a diversificação da economia rural do estado. Pensar a economia brasileira num panorama que só desenhe São Paulo e a cultura da Rubiácea do Café, nos primeiros decênios do século XX, como principal fonte de divisas para a população e para as receitas públicas, é cair numa análise macro econômica um tanto inocente. Alguns produtos conseguiram grande vulto e capital para a economia de nosso país, que tem dimensões continentais. Refletir acerca da economia do Brasil, destacando somente ou exaustivamente a partir da produção e comércio do café, ou de outros produtos agrícolas com grande acervo historiográfico –algodão, borracha e cana-de-açúcar– encobre o suor e o esforço que muitos homens e mulheres empreenderam em outras culturas. A laranja cultivada nas lavouras Iguaçuanas é uma destas. Afinal, como uma fruta considerada pelos mercados mundiais mais exigentes a melhor laranja do mundo, pode ser tão pouco lembrada pela história econômica que investiga a primeira metade do século XX? Não obstante, um dos objetivos desse trabalho é justamente esmiuçar tal paradigma da ausência (ou quase

¹ Esse projeto em que participei como bolsista foi o Bases para a Pesquisa Histórica sobre Movimento Sociais na Baixada Fluminense, Edital MCT/CNPq 14/2010 - Universal - Faixa A - CNPq, onde atuei execução do trabalho técnico de digitalização de acervo histórico depositado no Centro de Memória de Nova Iguaçu, acervo esse de um grande memorialista da cidade, o Profº Ney Alberto. Atuei em tal projeto no período de 08 de outubro a 08 de dezembro de 2012. com a Coordenação do Professor Alexandre Fortes.

² Participei como bolsista de Iniciação Científica por mais de 02 anos do projeto “Caminhos de negros: vida, trabalho e desenvolvimento urbano no pós abolição (Nova Iguaçu, 1880-1920)” com número de processo: 110044/2013-4. Este projeto teve como órgão financiador o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) com a Coordenação do Prº Drº Álvaro Pereira do Nascimento.

ausência) desse produto na nossa história econômica.

A laranja definitivamente entrou na lista de consumo das famílias, no Brasil e exterior, exigindo maior espaço no campo. Não obstante, ela conquista Nova Iguaçu onde todas as características profícuas para o estabelecimento da laranja se encontravam. A Citricultura encontrou nas terras de Nova Iguaçu muitas características desejáveis para seu desenvolvimento em larga escala comercial. O solo com características próprias para o cultivo do Citros, com textura mais arenosa do que argilosa, o relevo plano facilitando o trabalho nos tratos culturais e na colheita, além de propiciar menor erosão de matéria orgânica, temperaturas agradáveis para as laranjeiras produzirem seus açúcares da energia solar em quantidades excelentes, e um índice pluviométrico que colaborava para o bom enchimento dos frutos, trazendo uma coloração, sabor e aroma inigualáveis. Essas características dispostas contaram muito para o sucesso de tal empreendimento, tornando-a fruta de grande aceitação no mercado.

Presente no Brasão municipal, nas cores do clube de futebol da cidade, em vários poemas e na cultura popular, a laranja sobrevive como uma espécie de passado esplêndido, com nuances nostálgicas na memória dos moradores mais antigos da cidade. O “charmoso” apelido de “cidade perfume” ainda persiste, mas que deixou de existir numa morte lenta, iniciada com a crise após o começo da Segunda Grande Guerra.

Um dos objetivos desse trabalho de conclusão de curso é resgatar um passado que muitas vezes é silenciado por uma historiografia econômica, que, de forma simplista e até bairrista, prioriza alguns produtos agrícolas e “esquece” outros que tiveram grande importância e relevância para distintas regiões deste país.

Por longos anos conhecida pelos alarmantes índices de violência, pobreza e ocupação desordenada do espaço urbano, Nova Iguaçu e a Baixada Fluminense³ foram poucas vezes alvos de pesquisas mais significativas pela historiografia. O interesse por sua história, esbarrava em notícias altamente preconceituosas veiculadas pela grande imprensa, das décadas de 1970 e 80, que a reduziram a um conjunto de cidades dormitório desordenadas e sem planejamento algum e de uma “terra sem lei”.⁴

³ Para o difícil conceito de Baixada Fluminense, uso a definição de Alexandre Marques dos Santos. Segundo o autor, esse termo depende da escala usada para a observação, interesses de pesquisas, instituições ou grupos políticos, a Baixada Fluminense assume assim, configurações geográficas, econômicas, políticas e culturais diferenciadas. Portanto, é um termo de difícil conceituação. Ver: MARQUES, Alexandre dos Santos. *Baixada Fluminense. Baixada Fluminense: da conceituação às problemáticas sociais contemporâneas*. Revista pilares da história – Duque de Caxias e Baixada Fluminense. Ano 4- número 6 abril /2006., p. 7-14

⁴ Cf. NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. *Trajetórias de duas famílias negras no pós-abolição*. (Nova Iguaçu, século XX). In: VI Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, 2013,

O título “E os Pomos eram de ouro” foi escolhido por se tratar de uma expressão muito presente em algumas fontes em que analisei, relacionadas ao período áureo da citricultura. No primeiro capítulo, trataremos de como a laranja surge no contexto agroexportador nacional e se desenvolve no decorrer do século XX. Assim, procuraremos esmiuçar a maneira que tal cultura vai ganhando fôlego e importância bem como formadora de divisas e dinamizadora da economia nacional, em um período onde o café era o produto supremo no campo e nos portos. A partir desse trabalho, buscaremos demonstrar como a diversificação da produção nacional agropecuária, através de incentivos governamentais vai encontrar solo fértil na produção e comercialização de frutas e, em grande medida, especial, na laranja. Além dos tópicos apresentados, também será abordado o começo do plantio a sua importância econômica na dessa cultura na cidade de Nova Iguaçu.

No segundo capítulo, abordaremos como os frutos amarelos resplandeceram quanto como ouro nos cofres nacionais e do Estado do Rio, e, não obstante, nos cofres da própria “Cidade Perfume”. Tais divisas criadas fizeram a cidade se desenvolver e atrair um contingente muito grande de pessoas para o trabalho na cadeia produtiva da fruta. Há um incremento nos investimentos em infraestrutura, pesquisa, tratamento e comercialização da fruta no município. Investimentos privados e governamentais são feitos, e um dos grandes baluartes dessas novas conquistas são os chamados “*Packing Houses*” ou casas de embalagem, onde a fruta era previamente preparada para as exportações.

Por fim, na conclusão, apresentaremos em linhas gerais o que foi discutido nesse trabalho e procuramos atentar para o presente leitor a possibilidade de realização de novas pesquisas serem feitas com a temática trabalhada ou com outras. Os frutos de Nova Iguaçu não resplandeceram somente no campo. Esperamos que essa monografia frutifique atraindo ainda mais pesquisadores para a História da região de Nova Iguaçu.

CAPÍTULO I: EIS QUE SURGE UMA NOVA ATIVIDADE ECONÔMICA.

O Brasil é hoje líder mundial na produção de laranjas, sendo o Estado de São Paulo seu principal produtor, com mais de 70% da produção nacional⁵. Este fruto, tal como conhecemos, foi importado do Sudeste Asiático e seus disseminadores pelo mundo afora foram

Florianópolis. Anais do VI Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Florianópolis, 2013. v. 1. p. 1.

⁵ Indicadores IBGE. Estatística da Produção Agrícola, Setembro de 2013. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/agropecuaria/lspa/estProdAgr_201309.pdf>> Acesso em 26/03/2015 às 14:00 h.

os árabes que, em um primeiro momento, espalharam tais frutos em toda a área comercial do mar Mediterrâneo. Seu cultivo alimentar na Europa tem origem na Itália e na França, sendo essa última consumidora de tal iguaria deste o século XVI.

Essa fruta cítrica por muito tempo na Europa foi considerada para que o consumisse, possuidor um elevado símbolo de *status quo*, sendo consumida principalmente pelas classes mais abastadas e aristocráticas da sociedade, sobrando assim para as classes menos privilegiadas o seu consumo nas festas de finais de ano. O preço elevado dos frutos cítricos seu caráter altamente perecível, pelas poucas áreas produtoras pela dificuldade de armazenamento e transporte até o consumidor final. Com a Segunda Revolução Industrial, ocorrida na virada do séc. XIX para o XX, e as inovações que essa trouxe no campo dos transportes em geral (por exemplo, as ferrovias), as distâncias foram encurtadas, principalmente pelo uso sistemático de transportes marítimos, usando motores a base de combustíveis fósseis e mais potentes⁶. Essa modernização, veio acompanhada de novas tecnologias como a inclusão de câmaras frigoríficas, que agora acondicionavam e armazenavam artigos tropicais e produtos perecíveis com a tecnologia do resfriamento, conservando os produtos que tempos dantes sucumbiam a tais distâncias. Assim, tais artigos chegariam em ótimas condições para o consumo, expandindo assim o comércio mundial, fazendo que o mundo assistisse a uma verdadeira “mobilização universal da terra”, implícita no transporte em massa de cereais e de matérias-primas agrícolas de uma parte do planeta para outra, a um custo fracionário⁷. Essa mudança tecnológica proporcionou que os fretes baratassem e as frutas chegassem em boas condições físicas e gustativas para seus mercados consumidores, independente de sua localização. Essas melhorias fizeram com que a laranja começasse a perfazer grandes distâncias geográficas, levando a criação de polos produtores em diversas localidades do mundo - que nas palavras de Hobsbawm⁸ - alguns países se especializaram em produzir bens primários de exportação para os grandes centros ricos do mundo (Europa, Estados Unidos da América e Japão). Esses processos citados anteriormente, assim como as pesquisas médicas indicando o uso dessa fruta como um grande aliado da saúde humana, devido principalmente a suas características terapêuticas, calóricas e por ser uma grande fonte de vitamina C, fez com que houvesse uma grande popularização e conseqüentemente o aumento do consumo *per capita* aliado a um substancial barateamento desse alimento, proporcionando que as massas dos grandes centros urbanos mundiais obtivessem acesso aos seus benefícios.

Com respeito às transformações econômicas verificadas na transição dos séculos

⁶ HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Impérios*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2005.

⁷ POLANYI, Karl. *A grande transformação*. Rio de Janeiro Leya, 2013. p.251

⁸ HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Impérios*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2005.p.98.

XIX para o XX, Karl Polany enfatizou que a economia mundial passara abruptamente para uma economia de mercado, não obstante, a terra e o trabalho entravam no cerne dessa nova forma mundial, tendo uma nova importância dentro dos processos econômicos dos países. Nesse ínterim, os mercados dos mais diferentes produtos e serviços se alastravam em todas as partes do globo, fazendo o movimento da quantidade de bens envolvidos nas formas mais diversas. Eric Hobsbawm ainda salienta que o mundo econômico através da divisão internacional do trabalho e principalmente através de um pujante comércio internacional de produtos agrícolas, propiciado por mudanças de ordem técnicas e populacionais, estava perpetrando um irreversível processo que começou no século XIX e iria se acentuar de forma espetacular no XX, fazendo com que certas regiões do globo fossem levadas a extremas especializações, ou mesmo, à monocultura nas grandes regiões de exportação. Nisso, a laranja de Nova Iguaçu se enquadrava como matéria prima para os mercados internacionais e como polo produtor.

Hobsbawm ainda salienta que o elemento dinâmico do desenvolvimento agrícola experimentado a partir do século XIX passa pela crescente demanda por alimentos por parte das regiões urbanas e industriais do mundo, a crescente demanda dessas mesmas seções por trabalho, e como tema de ligação entre esses dois pontos, a economia de rápida expansão que faz crescer o consumo básico das massas e, portanto, sua demanda *per capita*⁹.

Acerca dessas premissas, a produção da maior parte das mercadorias coloniais e dos países ditos periféricos no passar do sec. XIX para o XX dependia de condições ecológicas muito específicas que geralmente não se encontravam nos países do hemisfério Norte¹⁰. No caso da laranja há um contraponto, pois esse produto era produzido em grande escala em países desenvolvidos industrialmente como os Estados Unidos da América e a Itália. O fator preponderante foi que o consumo cresceu exponencialmente, alcançando extratos sociais que ficavam impedidos de consumir tal artigo alimentar, o que fez por necessário abrir novas zonas de cultivo em diversas regiões mundiais.

Por conseguinte, Singer também descreve que os países que sofreram um processo de industrialização tardio e que reuniam as condições ambientais para prover as necessidades dos mercados das grandes economias indústrias de produtos primários, sejam eles minerais, agrícolas ou de origem animal, se especializavam em produzir tais produtos primários que

⁹ Celso Furtado descreve que o sistema de divisão internacional do trabalho, que permitiu aos países latino-americanos iniciarem o seu desenvolvimento no século XIX, criava assim, relações assimétricas que iam se corrompendo em uma dependência dos países exportadores de matérias primas em relação aos centros industrializados do mundo. Ver FURTADO, Celso. Formação Econômica do Brasil- 34 ed. – São Paulo, Companhia das Letras, 2007, p. 285.

¹⁰ SINGER, Paul. "O Brasil no contexto do capitalismo internacional". _____ (org.) *História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano III*. [5ª edição] Rio de Janeiro: Bertrand, 1989

atendessem os mercados dos países centrais¹¹. Nesse ínterim, vão se criando regiões especializadas no mundo em produzir determinado produto (seja ele açúcar, cacau, ou frutas cítricas). As regiões com melhor aparelhamento, facilidades logísticas, mão de obra acessível e barata e condicionamento climático para o abastecimento de determinado produto primário entram na chamada divisão internacional do trabalho como fornecedoras desses produtos e importadoras de capitais e produtos industrializados. E essa divisão de tarefas produtivas entre os países criava uma especialização tecnológica que ia se espalhar para as regiões produtoras de alimentos seja na forma de insumos mais eficientes, máquinas, tecnologia, transportes mais competentes e assistência técnica.

Diante de tantas mudanças estruturais no campo social, político e econômico evidenciados na transição dos dois últimos séculos, logo após a Primeira Guerra Mundial, o consumo de laranjas na Europa e nos Estados Unidos da América, passou por um verdadeiro “boom”¹². Com a utilização cada vez maior do fruto para a produção de sucos e outros produtos derivados, são abertos campos de cultivo citrícola em várias partes do Globo. É nessa perspectiva de mercado que Nova Iguaçu entrará com vigor a partir da segunda década do século XX. Nesse ínterim, O Brasil se destaca internacionalmente com a produção centrada nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

Por todo o território nacional, desde a colônia, plantava-se laranja. Contudo, sua plantação se limitava aos pomares e chácaras das grandes fazendas, servindo assim de alimento secundário. Até meados do séc. XIX, não existia uma mentalidade mercantil para tal produto.

O consumo da Laranja se torna um verdadeiro ritual em várias partes do Globo. Contribuem para esse feito particularmente os E.U.A, com a sua cultura do *Breakfast*, que adota a laranja e a torna uma das principais alimentos consumidos, quase um ser divino a ser degustado na mesa de café da manhã estadunidense. Já na Europa, a laranja vira um dos alimentos preferidos do grande proletariado industrial de países europeus como a Inglaterra e Alemanha.

Um mercado também que se mostrara promissor das laranjas é a bacia do prata, consumo estimulado também, pelos propagandistas governamentais visando uma melhor alimentação de seus concidadãos. Um informativo do Ministério da Saúde uruguaio do ano de

¹¹ Ibid. 1989.

¹² TEUTEBERG, Han Jurge e FRANDIM, Jea-Louis.” *Transformações do Consumo Alimentar*” in: História da Alimentação/Organização de Jean-Louis Frandim e Massimo Montanari.São Paulo. Estação Liberdade, 1998.

1930¹³ é bem enfático para alertar sua população sobre os benefícios que a fruta causa à saúde, buscando com esse fim estimular o consumo no país.

Disponiendo de este alimento, rico em vitaminas em quantidade suficiente para ponerlo al alcance de toda la población, se adquirirá para el plan dietético de salud, uno de los más eficaces y útiles productos del reino vegetal.

Este informativo, ainda salienta de forma um tanto quanto exagerada, que a laranja, uma vez consumida, deixará o indivíduo tão resistente, que numa linguagem bastante clara, ele não necessitará das intervenções médicas.

La naranja, en una palabra, irradia fuerza solar transformada em nuestro organismo, y asi como em ponde entra el sol no entra el médico. Puede decirse también que el que come naranjas no necessita medicina¹⁴.

É interessante observarmos que tal incentivo provém de um dos maiores mercados importadores de laranjas de Nova Iguaçu, a bacia do Prata. A Argentina e o Uruguai nesse ínterim, serão mercados de grande importância para a citricultura Fluminense. É onde grande parte dos exportadores de frutas irá fazer seus negócios nos primeiros anos “dourados” da citricultura.

O mundo mudara bastante no séc. XX. Os transportes e a comunicação alcançavam níveis jamais vividos na história da humanidade. A troca de tecnologias e produtos entre as nações também se desenvolvera a ponto de certos produtos, antes consumidos por certa população ou local, passarem a fazer parte da mesa dos mais distintos lugares do globo. Os avanços da medicina, as cidades como protagonistas do mundo em relação ao campo e o desenvolvimento do livre comércio aceleraram o mundo de tal forma, de um modo que nunca mais seria o mesmo.

1.1 Diversificar para sair da crise.

Esse produto teve um vulto importantíssimo nos cofres Fluminenses e consequentemente na economia Iguaçuana. Nilo Peçanha, então presidente do Estado do Rio de Janeiro no período de 1903 a 1906, é figura importante nesse processo de diversificação da

¹³ Ministério de Instrucción Pública. La Naranja. Fruta de Salud. Comisión Nacional de Alimentación correcta para el Pueblo. TyP. Nacional. Montevideú, 1930. P. 01.

¹⁴ Idem. 1932, p.01.

produção regional. Ferreira¹⁵ descreve as estratégias e nuances desse político no processo de mudança econômica que o Estado do Rio de Janeiro deveria passar para sair da crise:

A administração Nilista seria marcada por um severo programa de saneamento das finanças públicas que visava a reduzir os gastos do estado e a ampliar a receita através de modificações no sistema tributário, e ainda pela implementação de um conjunto de medidas destinadas a incentivar a produção. Mesmo sem abandonar a cafeicultura e a lavoura açucareira, Nilo via na diversificação da agricultura a principal saída para a crise da economia fluminense. Tal convicção vinha reforçar a visão agrarista, então em voga, que exaltava a agricultura como a atividade básica da nação, apontando como evidência lógica dessa afirmação a dependência das cidades em relação ao campo. Com isso foi também descartada qualquer intenção oficial de criar incentivos para atividades industriais.

Nesse ínterim, o *Jornal Diário Carioca* de 1928¹⁶ destaca com relevante ênfase, a importância do referido político na diversificação da produção agrícola do Estado:

As laranjas embarcadas no porto do Rio de Janeiro provém em sua quase totalidade do município fluminense de Nova Iguaçu, e o desenvolvimento ali, desta cultura, deve-se a ação administrativa de Nilo Peçanha, então presidente do Estado, no combate que sustentou contra a monocultura e nos estímulos que despertou as iniciativas particulares para o aproveitamento da terra de acordo com as possibilidades creadoras.

Na virada do século XIX para o XX, o estado do Rio de Janeiro já não era o líder na produção nacional de café, perdendo tal posto para o Estado de São Paulo¹⁷. Conseqüentemente, o governo provincial do Estado do Rio de Janeiro começa a diversificar e a articular novas formas de angariar fundos para sua economia. Nisso, a laranja entra como um produto condizente com essa nova realidade, pois essa cultura se mostrara em franco crescimento e ainda demandava grande volume de mão de obra em suas fases de implementação, condução da lavoura, colheita e distribuição do produto final, o que dinamiza a economia regional.

O café, no decorrer dos anos da Primeira República, ¹⁸começa a passar por diversas

¹⁵ FERREIRA, Marieta de Moraes. *Em busca da idade do ouro. As elites políticas fluminenses na Primeira República (1889-1930)*, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

¹⁶ *Diário Carioca* (RJ). Quinta feira, 19 de junho de 1928. p.08. Acessado em memoria.bn.br.

¹⁷ MELO, Hildete Pereira de. “O café e a economia fluminense, 1889/1920”, pp. 215-234. In SILVA, Sérgio & SZMRECSÁNYI, Tamás. (orgs.) *História econômica da Primeira República*. São Paulo: Edusp/Hucitec, 2002.

¹⁸ FAUSTO, Bóris. “Expansão do café e política cafeeira”. _____ (org.) *História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano III*. [5ª edição] Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

crises de superprodução e dificuldades de exportação. Foram criadas políticas próprias para o café, como a defesa permanente, onde o produto era subsidiado e estocado para vendas futuras. Esse sistema de proteção fez com que os plantios se alastrassem de uma forma nunca antes vista, criando superproduções que eram muito maiores que o consumo mundial da bebida. O Brasil adquiriu empréstimos no exterior, com o objetivo de comprar o excedente da produção, tática econômica essa que desestabilizava cada vez mais a economia, criando uma atmosfera de crise que se perpetuaria durante os anos 20 (e principalmente com o *Crash* da Bolsa de Nova York em Outubro de 1929) e seria fator preponderante entre a ruptura das alianças oligárquicas¹⁹.

É no meio desse clima de mudanças e diversificações da produção rural que a laranja e outras frutas, como o abacaxi e a banana, vão se consolidar na pauta de novos produtos para os mercados internacionais e nacionais. Parafraseando um presidente do Brasil em 1930 “A laranja salvará o Café²⁰”

Com o advento da Primeira República, eram intensos os debates acerca dos rumos da economia nacional. A extrema dependência do café como principal formador de divisas e a sua quase totalidade da produção concentrada no território do Estado de São Paulo, causava mal estar político entre as demais unidades da Federação²¹. Esse processo foi uma das principais causas da cisão intraoligárquica dos principais atores políticos da Primeira República: Minas Gerais e São Paulo. Assim, os debates em torno da diversificação econômica nacional expressavam em grande parte, preocupações de vários setores da sociedade brasileira com os rumos da nação. Nesse ínterim, outra grande disputa política nos últimos anos da Primeira

¹⁹ Segundo Sônia Regina de Mendonça, a década de 1920 foi de grande efervescência política, com pressões de grupos que negligenciados como o núcleo de poder das oligarquias dos Grandes Estados e aumento do custo de vida nas principais cidades. Ver MENDONÇA, Sônia Regina de. Estado e Sociedade, a consolidação da república oligárquica. Linhares, Maria Yedda. "História Geral do Brasil. Rio de Janeiro: Campus (1990).p, 322.

²⁰ Caio Prado Júnior em sua obra marcante da historiografia nacional, não descreve na passagem citada acima qual é presidente em questão. PRADO JÚNIOR, Caio. História econômica do Brasil. São Paulo. Brasiliense, 2004.p. 292

²¹ FERREIRA, Marieta de Moraes e PINTO, Surama Conde Sá. “A crise dos anos 1920 e a Revolução de 1930” in FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). *O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003. pp. 387-415 (O Brasil Republicano; v.1.p. 05.

República e nos primeiros momentos do governo provisório pós-revolução de 1930, foi a indecisão sobre os rumos econômicos que a nação deveria seguir. Uma corrente defendia veementemente a industrialização do país, com o intuito de se soltar as o atraso social e econômico sempre ligados ao campo e à inanição que este causava nas populações. Já do outro lado, persistia a corrente que pugnava a vocação agrícola do Brasil, baseada nos campos e pastoreios, sendo o alicerce “moral” da sociedade. Nisso, a “chamada vocação agrícola do país”²², ganha ainda mais força com o auge das exportações de café entre 1910 e 1925 e o relativo sucesso que a rubiácea alcançou nos preços internacionais. A corrente da vocação agrícola aceitara que era preciso modernizar-se, mas sem abandonar o destino econômico do país, ou seja, a agricultura de exportação.

Seguindo esse aparente aspecto da vocação agrícola do país, Mendonça (2002) descreve o fato de que são criados mecanismos burocráticos na Primeira República para tornar-se mais coesa, além de poder atender às diferentes classes dirigentes detentoras dos mais diferentes produtos de exportação.

Racionalizar a produção, tornando-a mais eficiente, esta era a meta dos ruralistas em questão. Produzir mais, com menores custos, seria o lema dos quais se propunham a atualizar a vocação eminentemente agrícola do país, [...] a “modernização” das lavouras pela mecanização, e a diversificação dos cultivos, mediante a adoção de métodos intensivos de plantio, seleção e beneficiamento das espécies²³.

Durante a Primeira República, há o surgimento da SNA (Sociedade Nacional de Agricultura), polo antagônico à burguesia cafeeira paulista, polo este hegemônico nos rumos da economia nacional. Os membros da SNA, em suas reuniões e propostas, procuravam discutir novas formas de desenvolvimento para o Brasil, com a paulatina busca por uma maior diversificação da produção nacional agrícola. Grande parte dos membros da SNA era de origem fluminense e teriam grande importância para o processo de diversificação e burocratização agrícola que irá ocorrer.²⁴

Nesse ínterim, o Brasil, na divisão internacional do trabalho, se mostraria como uma

²² OLIVEIRA, Francisco. “A Emergência do modo de produção de Mercadorias: Uma interpretação teórica da Economia Velha no Brasil”. _____ (org.) *História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano III*. [5ª edição] Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

²³ MENDONÇA, Sônia Regina de. *Sociedade Civil, Sociedade Política e Agricultura no Brasil (1910 – 1945)*. *História e Perspectivas*, Uberlândia (48): 43-80, jan./jun. 2013.p.177.

²⁴ Amália Dias descreve o aumento significativo do número de membros da SNA, que passou de 4.000 membros em 1911 para 8.000 em 1929. Ver DIAS, Amália. *Entre laranjas e letras: processos de escolarização no distrito-sede de Nova Iguaçu (1916-1950)*. Rio de Janeiro, UFF, Tese de Doutorado, 2012.p. 61.

terra condizente para os mercados com o objetivo de produzir mercadorias primárias para a realização dos anseios externos. Essa demanda aumenta com a divisão internacional do trabalho e da produção de mercadorias manufaturadas e matérias-primas, fazendo que certas regiões, como já salientado no texto, se tornem especialistas em produção de diferente gênero agrícola, mineral ou animal. Não obstante, os países que largaram na frente na corrida industrial financiam a propagação em diversas partes do mundo. da produção de certos gêneros de primeira necessidade de que sua indústria, economia e população necessitam. Nesse ínterim, estes países financiam cada vez mais economia agroexportadora, exportando capitais, tecnologia e maquinário para as regiões onde esses produtos primários são os principais esteios da economia. A economia agroexportadora fica sempre a mercê das flutuações das cotações do mercado internacional, além de necessitar-se-á cumprir com seu papel de arcar com os investimentos perpetrados pelos meios externos.

Assim, a laranja entra como um produto perfeito para diversificar a produção nacional de produtos agricultáveis para a venda no exterior e para a alimentação da crescente população brasileira. A utilização do citros como alternativa ao café trará grandes benefícios e desenvolvimento para algumas regiões do país, principalmente, no caso desse estudo, do município de Nova Iguaçu. Interessante é perceber como a laranja no começo do século, na capital da República, tinha conotação pejorativa²⁵. O comércio da laranja na cidade do Rio de Janeiro era feita na sua grande predominância por ambulantes, “biscateiros” e feirantes sempre dispostos a passar a perna no próximo. Não obstante, “Laranjeiro” passou a ser sinônimo de velhaco, malando e vigarista. Décadas mais tarde, com o alvorecer dos negócios relacionados à citricultura, a figura do laranjeiro seria sinônimo de grande mercador de frutas.

1.2 Os laranjais Iguaçuanos.

Plante laranjas. Essa era uma frase ecoada por muitos cantos durante a fase áurea da cultura em Nova Iguaçu. Desde políticos das mais diferentes classes, passando por produtores, exportadores e agrônomos, tal frase tinha uma mensagem clara. As terras do município de Nova Iguaçu foram feitas para essa cultura. Tal afirmação pode ser evidenciada na descrição do agrônomo Eduardo de Sampaio, funcionário do Ministério da Agricultura, no ano de 1932.

“Pelas suas excepcionais propriedades de solo e condições de clima, é aquela zona o paraíso dos frutos citricos e fatalmente destinada a abastecer os grandes mercados

²⁵ HASSE, Geraldo. *A Laranja no Brasil 1500-1987: a História da agroindústria cítrica brasileira. Dos Quintais colônias às fabricas exportadoras de suco do século XX*. São Paulo: Duprat & Propaganda, 1987. P. 51.

consumidores”.²⁶

Não se sabe ao certo quando a laranja surgiu no território de Nova Iguaçu. Segundo Waldick Pereira, alguns homens importantes no período áureo dos laranjais, como Sebastião Herculano de Matos, presidente por diversos anos da Associação Dos Fruticultores do Município, veem o início no ano de 1883, quando começam algumas pontuais vendas para o exterior²⁷.

Uma característica bem interessante da citricultura que surge nesse momento é o interesse e o uso de informativos agrícolas feitos por empresas relacionadas ao ciclo produtor da laranja, que disponibilizavam informativos agrícolas para melhor informar e oferecer seus produtos para os agricultores em geral. Estas, disponibilizavam nesses encartes, informações de como proceder no melhor trato à lavoura. Continham informações que iam desde a melhor escolha das mudas e enxertos, até a fase de plantio com os espaçamentos mais condizentes para o tamanho do terreno do produtor, método esse empregado para que o pomicultor aproveitasse melhor sua terra, com um número maior de plantas por hectare ou alqueire²⁸.

Muitas empresas multinacionais do ramo químico, como a alemã Bayer e a francesa Rhodia se interessavam e desenvolveram produtos para os tratos culturais nas lavouras ocupadas pela laranja. Operações como a pós-florada ou a assepsia das lavouras eram vistas pelos departamentos comerciais e técnicos de tais empresas como importantes no faturamento. Alguns produtos como o Solbar, fungicida para aplicação antes e depois da florada do citros tiveram ampla divulgação na imprensa e eram usados frequentemente pelos citricultores. Com

²⁶ AGRICULTURA, Ministério da. *A Fruticultura no Brasil: Sua situação atual e seu futuro*. Rio de Janeiro. Tipografia do Ministério da Agricultura, 1932, p. 58.

²⁷ PEREIRA, Waldick. *Cana, Café e Laranja: historia econômica de Nova Iguaçu*. Rio de Janeiro. Fundação Getulio Vargas. SEEC, 1977. p.122.

²⁸ O informativo “*Conselhos práticos para a Cultura de Laranjeiras*”, com 20.000 tiragens e escrito por Francisco França no ano de 1936, trazia inúmeras informações acerca de como proceder corretamente com a cultura da laranja. Indicava as melhores épocas do ano para as capinas, enxertos, adubações e correções de solo, além de indicar produtos fitossanitários para o citros. Um dado importante que esse informativo trás, é a melhor otimização da área com o plantio das laranjeiras em espaçamentos menores, para uma maior produção por área. Esse informativo aconselha o plantio com espaçamentos de 6 m² ao invés de 7m², o que daria uma população de plantas na ordem de 1344 pés contra 987 pés respectivamente por alqueire. Ver FRANÇA, Francisco F. *Conselhos práticos para a cultura de laranjeiras*. Granja Aparecida, Retiro Nova Iguassú. Rio de Janeiro. 1956, p.04

informativos técnicos, a Bayer²⁹ divulgava seus produtos e atentava para os produtores com o apoio de uma equipe técnica da empresa, todos os cuidados técnicos para o cultivo da citricultura na região de Nova Iguaçu.

A laranja entra num processo bastante interessante que estava acontecendo no campo brasileiro: A modernização agrícola³⁰. Tal processo modernizante não só residia no fato de se produzir no campo só resultados econômicos, mais que tais resultados trouxessem também implicações relacionadas a um dinâmico desenvolvimento social e tecnológico do homem do campo. Nesse ínterim, são destacadas a colocação dos técnicos e agrônomos e utilização em larga escala da mecanização para esse fim, visto que estes elementos seriam a “ponta de lança” do processo modernizador da agricultura.

Nesse ínterim, Hasse assinala que, na maioria dos casos, os primeiros cultivos de citros no final do século XIX, não era no Rio de Janeiro e em seus arredores (em especial Nova Iguaçu) uma atividade agrícola com cunho comercial. Nas terras das antigas fazendas, um sítio valia mais se em seu interior se cultivasse um pomar, e isso demonstra o pequeno zelo para com a cultura em seus primórdios, quando os grandes proprietários de terras ainda não viam a riqueza que poderia provir.

No final do século XIX, os pomares iguaçuanos eram infestados por uma doença chamada de fumagina ou “*Morphea* das laranjeiras”³¹, doença esta provocada pela falta de saneamento nos campos de cultivo e nos grandes alagadiços que a Baixada possuía antes das grandes obras de saneamento e controle de alagadiços. Tal moléstia foi controlada com a ajuda de agrônomos do IAC (Instituto Agrônomo de Campinas). Apesar dos problemas sanitários, “a citricultura fluminense foi, durante muitas décadas, uma referência para todo o Brasil”³². Seria nas terras iguaçuanas que surgiriam duas das mais importantes variedades de cítricos para a economia: a laranja Pera e a mexerica do Rio.

²⁹ Muitos produtos para a agricultura nacional eram produzidos por essa empresa alemã. Em 1958, a Bayer monta suas instalações em território iguaçuano, no Distrito de Belford Roxo. Em 1990, Belford Roxo se desmembra de Nova Iguaçu, ficando com a Sede da fábrica em seu território. Ver POHL, Eckart-Michael; WILCKEN, Andreas; DUPRÉ, Allen A. *Bayer Belford Roxo 50 anos: 1958-2008 : sua história, sua gente, sua cidade*. São Paulo: Carrenho Editorial, 2008.p. 47

³⁰ MENDONÇA, Sonia Regina de. *Grande propriedade, grandes proprietários: Velhas questões, novas abordagens (1890-1930)* In SILVA, Sérgio & SZMRECSÁNYI, Tamás. (orgs.) *História econômica da Primeira República*. São Paulo: Edusp/Hucitec, 2002.

³¹ HASSE, Geraldo. *A Laranja no Brasil 1500-1987: a História da agroindústria cítrica brasileira. Dos Quintais colônias às fabricas exportadoras de suco do século XX*. São Paulo: Duprat & Propaganda, 1987.

O projeto de saneamento das terras com potencial agricultável na Baixada Fluminense tem início no ano de 1909, a mando do Governador Nilo Peçanha. De acordo com os registros do Diretório de Fruticultura, de 1932, uma equipe de engenheiros é contratada para levantar as plantas da Baixada. Em seguida segundo esse mesmo relatório, 42.000 hectares de terras são saneados e drenados, acabando com as grandes fontes de criadores de mosquitos e outras intempéries que há anos castigavam a população de tais localidades.

Numa primeira fase, os pomares eram plantados nas zonas dos morros, nos contrafortes e mesmo nas encostas da Serra de Madureira, porém, com a valorização do produto crescente, o plantio também se alastrou pelas baixos montes e planícies que já se encontravam drenadas pelas grandes obras de saneamento, espalhando-se em seguida assim por vastas rincões de terra do município. Essa mudança de eixo no plantio e condução dos pomares levou a uma melhora no transporte do produto pelos caminhões e pelos vagões da via férrea.

A laranja mais plantada e que teve sua origem em Nova Iguaçu, era a da variedade pêra³³. Esses frutos se caracterizavam por possuir alta resistência, o que era uma vantagem bastante interessante se levarmos em conta os longos e desgastantes processos de colheita, beneficiamento e exportação. Essa variedade também era considerada os “pomos de ouro” das lavouras pelos produtores devido ao seu tamanho, casca fina e ótimo sabor. Uma nota do jornal carioca *Correio da manhã*³⁴ demonstra a grande aceitação que da laranja Pêra no mercado Britânico:

Muito embora as laranjas “selectas” de São Paulo cessaram de chegar em meados de Agosto, essa fruta brasileira continuará sendo vendida na Inglaterra até os fins deste mez, devido aos embarques da laranja pêra do Rio de Janeiro, que começou a aparecer no mercado. Acredita o cônsul do Brasil que ellas conseguirão altos preços devido ao seu tamanho, a finura da pelle e ao sabor admirável do succo, aliado ao aroma suave que se desprende das frutas brasileiras.

Examinando tal afirmação nessa fonte jornalística, podemos perceber o quanto essa variedade de laranja era atrativa nas mesas dos súditos da rainha, pois os ingleses preferiam laranjas com tamanho menor, por possuírem um custo unitário baixo serem mais fáceis para a partilha nas famílias com menor renda³⁵. A qualidade para ganhar esse nicho de mercado exigia

³² Idem, 1987. p. 47.

³³ Ibidem, 1987. P. 22

³⁴ Correio da Manhã (RJ), 17 de maio de 1930. Acessado em memoria.bn.br.

³⁵ Ibidem, 1987. p 66

cuidados que iam deste a produção das sementes e mudas, plantio, colheita e transporte dos frutos. Todas essas premissas influenciavam na qualidade do produto final, e essa era uma preocupação tanto dos governos em suas demais instâncias, tanto dos exportadores que firmavam compromissos como os mercados internacionais.

Tabela 1- Número de proprietários e pés de laranja por distrito no ano de 1931

Localidade	Número de Proprietários	Número de pés de laranja
Nova Iguassú	330	1.363.174
Nilópolis	25	55.700
Mesquita	145	352.660
Austin	76	289.510
Cabuçu	64	349.360
Queimados	59	125.620
Belford Roxo	23	54.750
Morro Agudo	163	689.150
Total	885	3.275.824

Fonte: Brasil, Ministério da Agricultura. *A Fruticultura no Brasil: Sua situação atual e seu futuro*. Rio de Janeiro. Tipografia do Ministério da Agricultura, 1932, p. 306.

De acordo com a tabela realizada pelo Diretório de Fruticultura do Governo Provisório, podemos perceber que o Distrito Sede de Nova Iguaçu possuía uma maior concentração de produtores e de pés de laranja, o que evidencia uma maior número de pequenos proprietários e uma maior distribuição dos lotes de terra entre os chacreiros, arrendatários entre outros. Os distritos de Morro Agudo e Mesquita vêm logo em seguida, apresentando propriedades com uma média de pés de laranja menor, ambos no entanto eram Distritos próximos ao centro da cidade. O interessante é percebermos que distrito sede de Queimados e Austin possuíam menos produtores, mais um grande número de pés, o que nos leva a crer que existiam grandes propriedades. Uma dessa grande unidade agrícola, a Fazendas Reunidas Normandia³⁶, possuía em 1931 (levantamento feito pelo Diretório de Fruticultura em 1932) a

³⁶ Waldick Pereira destaca os maiores produtores de Laranja de Nova Iguaçu, como a firma Farrula & Cia, que possuía segundo o referido autor, mais de 100.000 pés de laranjas. Ver PEREIRA, Waldick. *Cana, Café e Laranja: história econômica de Nova Iguaçu*. Rio de Janeiro. Fundação Getulio Vargas. SEEC, 1977. p 125.

grande quantidade 82 000 pés de laranja em produção. Existiam produtores de laranja que também eram exportadores e faziam o serviço de beneficiamento das frutas para terceiros em seus próprios *Packing Houses*, caso do italiano Francisco Baroni³⁷, um empresário e grande investidor no negócio nos anos 30 em Iguazu. Por outro lado, muitos produtores possuíam pequenos pomares, variando de 300 a 500 pés, o que pode nos dar a entender que esses mesmos e a suas famílias, tinham que trabalhar como jornaleiros, meeiros ou mesmo funcionários para outros produtores ou assumir outras funções para assim complementar a renda.

1.3 A importância da laranja na pauta de exportações brasileiras.

É no meio desse clima de mudanças e diversificações da produção rural que a laranja e outras frutas, tais como o abacaxi e a banana, vão se consolidar na pauta de novos produtos para os mercados internacionais e nacionais, e sendo assim, sofreram incentivos por parte do Estado.

A laranja foi parte de um movimento de diversificação da pauta da exportação brasileira na década de 30. Nos dez anos entre 1929 e 1939, a participação do café na exportação caiu de 70% para 40% aproximadamente. Em 1939, apenas nove produtos representavam 77,6% da receita cambial brasileira. A laranja era um dos dez mais na exportação.³⁸

Nos anos 20, o Brasil já despontava no cenário econômico mundial como o 5º maior produtor mundial de Citros, ficando abaixo de verdadeiras potências mundiais, com produção há algum tempo consolidada como a Espanha, Estados Unidos da América, Japão e Itália. Mas nenhum desses países possuía terras para expansão como o Brasil com amplo território, clima propício, mercado interno e mão de obra para o pleno desenvolvimento da citricultura

Tabela 02. Área Total de laranjais e sua produção no Estado do Rio de Janeiro em comparação ao total do Brasil no quinquênio 1931/1935.

Anos	1931	1932	1933	1934	1935
Área total Brasil (ha)	57.100	71.500	92.170	95.030	98.133
Área total Rio de Janeiro (ha)	18.740	20.410	28.938	30.078	33.300

³⁷ CARVALHO, Iracema Baroni. *As Laranjas Brasileiras*. Nova Iguaçu. Marvic, 1999. p. 31

³⁸ Ibidem, 1987. p.99.

Produção total Brasil total (caixas)	20.000.000	25.000.000	29.612.900	32.913.600	32.753.100
Produção Rio de Janeiro total (caixas)	5.995.300	6.532.300	8.506.000	9.745.400	10.000.000

Fonte: Adaptado do Anuário Estatístico do IBGE do ano de 1936. Produção Agrícola. P. 76

É bem perceptível a partir da leitura prévia da tabela acima, a grande quantidade de terras e da produção que o Estado do Rio de Janeiro possui em comparação à quantidade produzida no Brasil. A importância do número de laranjais no Estado do Rio de Janeiro fica bastante latente no ano de 1936, onde o Estado do Rio possui aproximadamente 33% da área total plantada do país em laranjais. É um número muito expressivo levando-se em consideração a grande quantidade que o Estado de São Paulo produzia, além do expansivo crescimento de laranjais em Minas Gerais e no Nordeste. Grande parte dessa área em questão presente no Anuário é formada pelos campos cítricos de Nova Iguaçu. Uma informação bem pertinente que o IBGE nos traz é que a produtividade média por hectare no Estado do Rio no período de 1931/1935 ficava por volta de 300 caixas/h, um pouco acima da média nacional. Isso nos denota o zelo e cuidado com os pomares na hora dos tratamentos culturais e os investimentos que os agricultores juntamente com o Governo Federal faziam para a melhoria da produção.

Verifica-se também que no biênio de 1931/1932 ocorreu um alto crescimento tanto no volume de terras plantadas com laranjais, como também na produção de caixas de laranjas, quase dobrando no Estado do Rio de Janeiro entre o quinquênio 1931/1935. Esse crescimento é acompanhado pelo tangencial crescimento das exportações de laranjas de Nova Iguaçu, pois, de acordo com dados da edição do *Jornal Correio da Lavoura*, do dia 04 de março de 1937, a exportação de Nova Iguaçu no ano de 1936 foi 2.640.420 (dois milhões, seiscentos e quarenta mil e quatrocentas e vinte) de caixas de frutas. Confrontando as duas fontes analisadas, percebemos que do total produzido no Estado do Rio de Janeiro inteiro no ano de 1935, na ordem de 10.000.000 (dez milhões) de caixas, aproximadamente 25% dessa quantidade foi exportada por Nova Iguaçu a partir do porto do Rio de Janeiro.

Tabela 03- Volume e Faturamento: Exportação de Laranjas de Nova Iguaçu

Ano	Caixas	Valor
1927	359.837	5.909:536\$
1928	560.906	10.012:639\$

1929	943.351	15.307:253\$
1930	812.207	16.075:677\$
1931	2.054.302	47.552:722\$
1932	1.930.138	40.179:070\$
1933	2.554.258	54.894:171\$
1934	2.621.827	56.189:240\$
1935	2.640.420	61.989:066\$
1936	3.216.712	75.530:674\$

Fonte: Jornal *Correio da Lavoura*, 04 de Março de 1937, p. 1.

Verifica-se a partir da análise da tabela do jornal *Correio da Lavoura* um considerável aumento de divisas e de produção citrícola entre os anos de 1927 e 1936. O valor das exportações cresce de forma estrondosa no decênio 1927/1936 com aproximadamente 893% de aumento no volume de caixas exportadas. Já a rentabilidade dessa exportação crescente nesse mesmo período cresce de forma ainda mais acachapante, com aproximadamente 1.278% de aumento, no período de 1927 a 1936.

No presente relatório, expedido pelo do Ministério da Agricultura, no ano de 1938³⁹, a laranja figurava entre os dez principais produtos exportados pelo país no mercado internacional. Após o café e o cacau, vinha a laranja como o terceiro produto alimentício mais exportado. Como revela tal relatório, os maiores crescimentos a partir do ano de 1930 competem à laranja, que apresenta o extraordinário índice de aumento de 612%, seguido pelas carnes em conserva, com 317%; o cacau com 157% e a banana com 144%. No que tange aos preços verificados no período compreendido, entre o ano de 1930 e 1939, a laranja alcança a formidável marca de crescimento em valor de 289%.

Assim era a importância da laranja, conforme os anos iam passando a partir da década de 30, a produção e o uso do solo para o cultivo da citricultura aumentariam de forma substancial em alguns territórios do Brasil, mais especificamente em Nova Iguaçu e Limeira no Estado de São Paulo.

³⁹ Brasil, leis, decretos. Relatório do Ministério da Agricultura de 1938, p.14.

Os grandes mercados importadores das laranjas produzidas em Nova Iguaçu eram em especial os países Europeus. O Ministério da Agricultura, no ano de 1932, através do seu Diretório de Fruticultura, faz um levantamento bastante especial sobre a citricultura do município de Nova Iguaçu e traz como paralelos seus principais mercados internacionais:

Não há dúvida que os melhores mercados para a exportação da laranja estão na Europa. A Inglaterra recebe um terço da Exportação total. A Alemanha vem em segundo lugar, como melhor cliente. Pela ordem de importância, seguem-se a França, Noruega, Suécia, Hungria, Dinamarca, Irlanda e Rumania. (Ministério da Agricultura, 1932, Diretório de Fruticultura, p. 30)

Outro grande mercado para os frutos colhidos era o mercado interno (com o envio de frutos de menor qualidade). Nova Iguaçu pela sua proximidade de grandes centros consumidores como os Estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro - os três com maiores contingentes populacionais facilitava tal processo. De acordo com nota do jornal *Diário Carioca*, a Bacia do Prata era no ano de 1927⁴⁰ um dos principais clientes dos laranjais de Nova Iguaçu.

Dia a dia avulta a exportação de frutos especialmente da laranja, que vae vencendo a má vontade das autoridades dos países consumidores graças ao capricho e zelo dos produtores no esforço de melhorar o produto.

E completa:

Sobre esse movimento de exportação tão auspicioso à economia nacional, ouvimos hontem, ligeiramente o encarregado da exportação de fructas brasileiras que manteve connosco interessante palestra. Disse-nos elle que durante o anno de 1927, foram embarcadas pelo porto do Rio de Janeiro 350,270 caixas de laranja num total de 70,054,00 frutos. Em decrescente embarcamos frutas para Buenos Aires, Londres, Itália, Hamburgo, Hollanda, Montevideo e Havre, e já conquistamos uma invejável posição nesses mercados.

A partir de tal nota jornalística, citada acima, podemos ver a importância dos mercados da bacia do Rio da Prata para a exportação de laranjas. Importância essa, que seria minada a partir da década de 30 com o maior direcionamento da exportação para a Europa.

De acordo com esse hebdomadário, “As laranjas embarcadas no porto do Rio de Janeiro provém em sua quase totalidade do município fluminense de Nova Iguaçu”. Tamanha a importância da laranja para os cofres do Estado do Rio de Janeiro era o fato de que essa economia foi no ano de 1934⁴¹ a principal detentora de divisas para o Estado fluminense.

⁴⁰ *Diário Carioca* RJ, 19 de junho de 1928, p.07. Acessado em memória.bn.

⁴¹ O autor também destaca em seu artigo que o algodão, no Estado do Rio de Janeiro nos anos 30, sofreu crescimento vultoso, mais nenhuma atividade agrícola apresentou aumento tão notável quanto o cultivo

Segundo Ferreira:

A nova política desenvolvida pelo Departamento Nacional do Café (DNC) de favorecer o escoamento de cafés finos atingiu frontalmente a Cafeicultura fluminense, que produzia cafés inferiores com restritas possibilidades de exportação. A partir de 1933, o café deixou de ser o principal produto da economia estadual e o maior contribuinte na arrecadação da renda, com 28%, seguido pela laranja com 17,80% e pelo açúcar com 13,89%. Em 1934, o principal item da pauta de arrecadação estadual era a laranja, ficando o café em segundo lugar⁴².

A unidade para a comercialização da laranja era a caixa feita de madeira, sendo que cada caixa cheia de frutos possuía em média 40 kg, dependendo da qualidade e tamanho das diversas cultivares de citros. Esta caixa possuía em média, de 170 a 200 frutas.

O relatório do Ministério da Agricultura no ano de 1932 enumera os principais concorrentes da Laranja de Nova Iguaçu na Europa. Os Estados Unidos são os maiores produtores mundiais, mas devido ao alto consumo per capita, consomem sua própria produção. A Espanha figura nos anos de 1932 como a maior exportadora, porém, sua época de colheita não entrava em choque com a safra e exportação Iguaçuana, que tinha o grosso de seus volumes realizada nos meses de Agosto a Dezembro, sendo essa característica climática e de ordem geográfica primordial para fazer os negócios prosperarem pelas bandas da Baixada Fluminense. Produzir com qualidade era então uma premissa procurada pelos exportadores e pelo Estado para vencer a forte concorrência internacional.

da laranja, que encontrou na Baixada Fluminense, clima, solo e relevo favoráveis à expansão da produção. Nova Iguaçu era, de longe, o maior produtor do estado. LAMARÃO, Sergio Tadeu de Niemeyer. *Crise econômica e centralização política: o Estado do Rio nos primeiros anos da Era Vargas (1930-1937)*. Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada – Vol. 5 No 8 Jan-Jun 2010

⁴² Idem. p. 99.

CAPITULO II UM NOVO ELDORADO.

Os recursos adquiridos com a produção e a exportação de laranjas em Nova Iguaçu atraíram muitas pessoas e capitais para a cidade. A cidade de Nova Iguaçu se mostrará um centro comercial onde a extensa população rural irá fazer suas compras de insumos, resolver negócios, cumprir seus papéis religiosos como comparecer nas festas religiosas na Matriz de Santo Antônio, educar seus filhos e divertir-se⁴³.

No que concerne ao mercado de capitais que financiavam os laranjais, Hasse adverte que muitos adiantamentos feitos pelos compradores estrangeiros da laranjas eram pagos em Libras Esterlinas. Este mercado de capitais gerava grande competição entre os proprietários dos pomares, onde muitas vezes as safras eram negociadas em plena florada, com pagamentos de 50% no ato e o resto no principio da colheita⁴⁴. Essa atividade podia beneficiar muitos especuladores frente a muitos endividados produtores. Nas palavras do autor ser um exportador de frutas “era um grande negócio” para muitos capitalistas especular e investir nesse ramo de exportação. Segundo o autor “ era um grande negocio para pouca gente’. Em Nova Iguaçu, a auge do mercado especulativo e de exportação ficava concentrado entre os meses de agosto a dezembro.

Segundo Adrianno Rodrigues, Nova Iguaçu teve um estrondoso aumento, populacional, saltando de 33.396 habitantes em 1920 para 140.606 habitantes em 1940, um

⁴³ SOUZA, Sonali Maria de. *Da laranja ao lote: transformações sociais em Nova Iguaçu*. Rio de Janeiro: PPGAS-MN, UFRJ, Dissertação de mestrado, 1992.p. 208.

⁴⁴ Na palestra do Drº Esteves de Assis apresentada na Sociedade Baiana de Agricultura em setembro de 1928, o palestrante apresenta o quadro geral da produção da laranja no Brasil, com o intuito de incentivar o plantio e comercialização da laranja no Estado da Bahia. O Drº Esteves de Assis visitara Nova Iguaçu e elogiou os pomares iguaçuanos, pela importância da fruta no município e por sua alta produtividade das plantas. O palestrante assim descreveu as transações comerciais “(...) Na sua maioria, os plantadores, ahi, não são exportadores. Vendem facilmente, as safras a outros que se encarregam da exportação. O preço de venda regula ser 10\$000 por cento de frutas”. Ver ASSIS, Esteves. *As Laranjas da Bahia. Conferencia sobre a Produção e commercio*. Imprensa Official do Estado, n.1.1928

aumento de 423%⁴⁵ em duas décadas. Grandes levas de pessoas vinham de várias partes do território brasileiro, e grande parte dos trabalhadores nos pomares era descendente de ex-escravos, oriundos das áreas decadentes do café no vale do Paraíba. Essas áreas agora, antes ocupadas com a cultura do café, cultura essa que demanda grande volume de mão de obra, são ocupadas por pastagens para a pecuária de corte e o plantio de eucalipto. Waldick Pereira assinala tal transferência populacional para Nova Iguaçu:

A cada ano, maior era o contingente de pessoas que se dedicavam à laranja, quer originárias do próprio município, quer chegadas de outros pontos do estado do Rio, de outros estados, ou até mesmo do estrangeiro. Nova Iguaçu era o novo Eldorado, atraindo forasteiros⁴⁶.

Com o sucesso econômico dos laranjais, Nova Iguaçu, considerada na época “a Califórnia Brasileira⁴⁷”, atraiu migrantes de todo o país, sendo considerável a imigração de portugueses, que uma vez eram atraídos pelo cheiro de negócios que os laranjais exalavam. Os lusos, afluíram em grande número ao município, comprando ou alocando sítios, ou trazidos por compatriotas que já estavam estabilizados financeiramente, trabalhando posteriormente diretamente nos tratos culturais dos laranjais, ou nas mais variadas atividades. Muitos migrantes também se deslocavam para os distritos de Nova Iguaçu mais próximos do Distrito Federal como São João de Meriti e Nilópolis, atrás de empregos na Capital, buscando aluguéis mais baixos. O autor também salienta que em pouco tempo, alguns grupo de portugueses vão se juntar aos grupos locais para formar o núcleo da elite local e das camadas médias, que mais tarde se diferenciara de uma crescente massa de migrantes pobres que chegará quando se iniciar a desordenada urbanização de Nova Iguaçu a partir dos anos de 1940. Analisando a imigração portuguesa no período da Primeira República para o Rio de Janeiro, se percebe o grande movimento migratório luso, bastante intenso para o Distrito Federal até a década de

⁴⁵ O Economista da UFRRJ afirma ainda que o grande crescimento populacional experimentado no período, não veio acompanhado de qualquer planejamento, dando-se, assim, de forma totalmente desordenada e desprovida de infraestrutura urbana como esgotamento sanitário, fornecimento de água tratada, dentre outros. RODRIGUES, Adrianno Oliveira. *"De Maxambomba a Nova Iguaçu (1833-90's): economia e território em processo."* Rio de Janeiro, UFRJ-IPPUR, Dissertação de Mestrado em Planejamento Urbano e Regional (2006). p.42.

⁴⁶ *Ibidem.* 1977, p.142.

⁴⁷ O autor, morador da Baixada Fluminense descreve-se como um descendente dos portugueses que aqui aportaram para trabalhar nos laranjais. SIMÕES, Manoel Ricardo. *Ambiente e Sociedade na Baixada Fluminense.* Mesquita. Editora Entorno, 2011.

1920⁴⁸. Esses indivíduos que uma vez chegavam geralmente solteiros, eram provenientes principalmente das regiões Norte de Portugal, locais gravemente atingido por crises econômicas.

Essa leva de pessoas oriundas dos mais distintos locais era atraída por oportunidades de melhoria de vida, e se estabeleciam trabalhando nas mais distintas formas de trabalho, sendo tanto labutadores temporários que atuavam em época de safra, assalariados ou funcionários permanentes de uma propriedade. Alguns produtores arrendavam a terra de proprietários antigos do município para a produção. A população do município de Nova Iguaçu se caracteriza no período por ser uma população essencialmente rural, habitando casas geralmente dentro dos laranjais. O centro da cidade distinguia-se por ser concentrada ao longo do coração da cidade, ao longo da via férrea. As melhores moradias do Centro da cidade eram habitadas pelas elites políticas e econômicas, além do comércio local em geral.

Como a maioria dos pomares era concentrada ao redor do distrito sede, os Chacreiros (termo do qual ficariam conhecidos os lavradores da laranja, em especial os pequenos) faziam deslocamentos a pé para o comércio local, para depois voltarem a suas casas. O trabalho dos Chacreiros em sua maioria, seguia uma lógica de agricultura familiar, onde todos os habitantes da casa trabalhavam em suas lavouras, ou eram diaristas em outras propriedades para complementar a renda. Havia outra espécie de lavradores dos laranjais, esses denominados de fazendeiros, sendo mais capitalizados e com maior facilidades para a obtenção de créditos. Estes, alugavam terras ou as possuíam em maior quantidade que os chacreiros. Por via, os fazendeiros também possuíam empregados temporários ou fixos e também atuavam como atravessadores na compra e venda de laranjas dos produtores menores.

Concomitantemente, Nova Iguaçu vai ganhando com os recursos provenientes da laranja, novas estradas para o escoamento da produção, inúmeros estabelecimentos comerciais, bancos, cartórios, construção de um hospital em 1935, construções das primeiras olarias e cerâmicas para a construção de tijolos e telhas para o vertiginoso crescimento urbanístico, além dos primeiros estabelecimentos industriais como fábricas de banha de porco, explosivos, produtos químicos, cerveja e curtume⁴⁹. Mas uma das maiores realizações foi a eletrificação da estrada de Ferro D. Pedro II, inaugurada em junho de 1937, que favorecia ainda mais a

⁴⁸ Nos anos de 1901 a 1910 a imigração portuguesa atingiu 218.193. Já na década de 1911 a 1920 o número passa a 321.507, baixando somente de 1921 a 1930 para 286.772. Os imigrantes eram na grande maioria homens jovens e solteiros. Acerca dessa informação estatística realizada por Eulália Maria Lahmeyer Lobo, podemos presumir que é bem provável pela pequena distancia geográfica entre a cidade do Rio de Janeiro e Nova Iguaçu que muitos afluíram para essa última pela oferta crescente de trabalho nos laranjais. LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. *A Imigração portuguesa e a mão-de-obra do Rio de Janeiro na Primeira República*. In SILVA, Sérgio & SZMRECSÁNYI, Tamás. (orgs.) *História econômica da Primeira República*. São Paulo: Edusp/Hucitec, 2002. p.293.

⁴⁹ Ibidem.1977. p. 143.

mobilidade até a Capital. O desenvolvimento e a importância do Estado para o Território nacional fica evidenciada nas visitas em 1929 a algumas propriedades e estabelecimentos da cidade pelo então Presidente Washington Luis. Tamanha a importância do município para a economia regional e nacional, que dois anos depois da visita do presidente deposto pela revolução de 30, Getúlio Vargas também visita as lavouras, comércios e homens ligados aos negócios da laranja no município no ano de 1931, Vargas, então chefe do Governo Provisório, aproveitou o ensejo e inaugura a primeira máquina de beneficiamento de laranjas, a *Packing house* (Posto de Embalagem de laranjas), adquirida através do financiamento do governo federal.

2.1 Incentivos e regulamentações do Estado para a citricultura

De acordo com Sônia Regina de Mendonça, a súbita crise de 1929 e a consequente queda nos preços de produtos agrícolas no consumo mundo afora, levou à mais estreita necessidade de se fazer cumprir os compromissos com as importações em geral, e tornava-se ainda mais vital e urgente a intervenção do Estado de modo a propiciar aos proprietários rurais melhores condições para a colocação doméstica de seus produtos⁵⁰. Ou seja, a diversificação produtiva agrícola, deixava de ser apenas uma alternativa para complexos agrários menos dinamizados, passando a ser instituída uma “questão nacional”, materializada à sombra de déficits da Balança Comercial a serem minimizados no concerto de uma economia mundial em profunda recessão. Nos dizeres de um técnico do Diretório de Fruticultura, de como os incentivos estatais eram primordiais para o sucesso da laranja em Nova Iguaçu, “Certamente a iniciativa particular jamais sem o auxílio oficial, inspirará confiança ao estrangeiro”⁵¹.

Uma das principais e mais imediatas implicações do movimento revolucionário de 1930, foi a intervenção e o gerenciamento do Estado em alguns setores da esfera econômica. Essa mudança no papel, até então pouco desempenhado pelo Estado em relação à Primeira República, é também influenciada pela grande relação impactada pela crise econômica internacional, provocada pelo “Outubro Negro” de 29, e seguida de longa recessão mundial, afetando toda a esfera econômica brasileira. Para combater os efeitos da crise, o Estado assume

⁵⁰ MENDONÇA, Sônia Regina de Mendonça. *Sociedade Civil, Sociedade Política e Agricultura no Brasil (1910 – 1945)*. História e Perspectivas, Uberlândia (48): 43-80, jan./jun. 2013 . p.21.

⁵¹ AGRICULTURA, Ministério da. **A Fruticultura no Brasil: Sua situação atual e seu futuro**. Rio de Janeiro. Tipografia do Ministério da Agricultura, 1932, p. 58.

então, poderes inéditos na coordenação, planejamento, controle e incentivo a várias atividades econômicas. Não obstante, cria diversos órgãos governamentais específicos para cada atividade econômica.

Sônia Regina de Mendonça ainda salienta que a atuação do Ministério da Agricultura no pós-1930 orientou-se pelo aprofundamento da diversificação agrícola do país, entendida quer no tradicional sentido do abastecimento interno de sua crescente população, quer no da ampliação da pauta de exportações brasileiras para os mais diversos mercados internacionais.

Inaugurava-se, também, no rearranjo do Estado restrito brasileiro no pós-1930, a prática da criação de autarquias especializadas em ramos ou setores produtivos as quais, diretamente vinculadas ao Executivo, transformavam-se quer em instrumentos de absorção dos conflitos intraclasse dominante pela sociedade política, quer em veículos da nacionalização das decisões econômicas, superando o embate regionalismo *versus* centralização política.⁵²

Como já foi atentado em páginas anteriores, os esforços de Nilo Peçanha, - em sua gestão como então Governador do Estado do Rio de Janeiro - para o desenvolvimento da citricultura no estado Fluminense foram fundamentais para o estabelecimento e sucesso da citricultura nos campos iguaçuanos. Seja tanto por incentivos como a redução das taxas aduaneiras ou isenções de impostos comerciais das laranjas. Acerca desse processo, Waldick Pereira salienta:

Somente quando Nilo Peçanha iniciou seu programa de apoio à fruticultura fluminense é que surgiram as primeiras iniciativas do poder legislativo municipal nesse sentido, assim mesmo depois de o município haver recebido do governo estadual uma série de benefícios que viriam constituir a base da pirâmide do progresso atual⁵³.

O governo provisório tratou logo de ser uma espécie de gerenciador da econômica nacional⁵⁴, estimulando a produção sistemática de certos produtos em detrimento de outros (O café ainda é o maior produto na pauta de exportações, como mais de 40% de participação na pauta de exportações, recebendo ainda, muitos incentivos, mais a abertura de novas áreas de cultivo não são incentivadas). Essa era uma tendência geral que se apresentava de diferentes matizes na América Latina como um todo. O Estado como “administrador da economia “. Gerenciando-o e coordenando a produção em seus mais variados setores. Essa foi uma matize

⁵² Idem, 2013, p. 63.

⁵³ Ibidem, 1977,p.120.

⁵⁴ MENDONÇA, Sônia Regina de. *Estado e economia no período 1930-1955*. In: *Estado e economia no Brasil: opções de desenvolvimento*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1987. (parte I)

muito em voga em toda a América Latina:

Este fue también el período en que el Estado representó un creciente papel en la agricultura y en otros sectores de la economía. En toda América Latina, la intervención estatal por medio de organismos burocráticos y programas de extensión, ayudas y comercialización se convirtió en un rasgo ordinario de la economía agraria.⁵⁵

A chefia do Ministério da Agricultura, pós-revolução de 30, ficou por conta do tenente e ex-revolucionário histórico Juarez Nascimento Fernandes Távora, que logo tratou de melhor coordenar tal Ministério. O Diário oficial do dia 27 de abril de 1933⁵⁶, trás a informação de um acordo entre o Governo Provisório dos Estados Unidos do Brasil e o Estado do Rio de Janeiro para a execução de serviços públicos relativos à produção, melhoramento, padronização, inspeção, fiscalização e defesa sanitária da citricultura no Estado do Rio. São essas as diretrizes do acordo:

1. Instalação e custeio de “postos de embalagem” (os *Packing Houses*) para o beneficiamento das frutas, sendo um criado em Nova Iguaçu, onde serão cobrados aos produtores somente a mão de obra na operação do maquinário.

2. Provimento aos fruticultores do Estado do Rio de Janeiro, que estiverem inscritos na repartição competente na Secretaria da Agricultura, Viação e Obras Públicas do referido Estado, de mudas sadias, enxertos para porta-enxertos e todo o material fitossanitário para a o plantio de mudas sadias e produtivas:

3. Instituição de um curso de fruticultura, visando assim conscientizar e prestar assistência técnica os produtores acerca dos aspectos da cultura da laranja em suas demais fases (plantação, condução, colheita, beneficiamento etc.), sendo este ministrado junto às explorações frutícolas, estações experimentais e postos de embalagem de frutas do Governo Federal(*Packing-House*);

4. Ferrenha contenção às fraudes ocorridas na colheita, no preparo, embalagem e no comércio frutícola;

5. Inspeção dos pomares e também dos viveiros de mudas, com o intuito de

⁵⁵ OLIVEIRA, Orlandina de y ROBERTS , Bryan “ *Las estructuras agrarias de América Latina, 1930-1990.* p. 216 – 267. in BETHELL, Leslie. *História da América Latina: A América Latina após 1930: Economia e Sociedade Vol. 6.* EdUSP, 2005. p. 279.

⁵⁶Diário Oficial da União do dia 27 de abril de 1933. Disponível em <<<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/DOU/1933/04/27>>>Acesso em 04/05/2015 às 14:56 h.

vistoria-los do ponto de vista pómolico e fitossanitário, sendo essa vistoria também conduzida nos postos de embalagem e das usinas de beneficiamento de frutas;

6. Organização da produção citrícola, com a instalação de diversos concursos junto a prefeitura municipal, de feiras livres e permanentes de frutas para a venda;

7. Realização de uma intensa fiscalização técnico-comercial nos portos que exportavam frutas;

8. Coordenação das estatísticas comerciais, de produção e da indústria frutícola.

Essas medidas apresentadas acima, possuíam o caráter de padronizar e melhor coordenar melhor a produção agrícola, no que concerne a qualidade do produto final para o atendimento dos exigentes mercados internacionais. Para melhor coordenar tais diretrizes, é criado por meio do Decreto nº 22.416 de 30 de janeiro de 1933⁵⁷, novos postos burocráticos dentro do Ministério da Agricultura .Esses órgãos burocráticos são os Departamentos de produção, que possuíam como principal premissa, a atuação junto a cada produto agrícola ou conjunto destes, criando políticas e gerenciando a sua produção. No caso das frutas, o órgão criado e gerenciado pelo agora renovado Ministério da Agricultura era o DNPV (Departamento Nacional de Produção Vegetal). Esse Departamento possuía por sua vez, o Diretório de Fruticultura, sendo que este englobava a Citricultura, a Cultura da bananeira e as diversas frutas em geral.

Para auxiliar as pesquisas sobre os melhoramentos que poderiam auxiliar os produtores a angariar maiores resultados na lavoura, foi criado na cidade do Rio de Janeiro, um posto avançado de pesquisas localizado no bairro carioca de Marechal Teodoro. Esse posto, trataria de prestar assistência técnica aos produtores, realizar pesquisas com cultivares, estudar as pragas e doenças do citros entre outras ações no sentido de orientar a produção, sistematizando-a em seus aspectos produtivos.

A efeméride⁵⁸ do dia 24 de junho de 1933, traz como notícia uma importante reunião acerca da exportação de laranjas. Segundo tal fonte, reuniram-se no gabinete do

⁵⁷Decreto nº 22.416, de 30 de Janeiro de 1933. Disponível em <<<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-22416-30-janeiro-1933-504172-norma-pe.html>>> Acessado em 27/04/2014 às 15:30.

⁵⁸ Efeméride do dia 24 de junho de 1933. As efemérides do Jornalista Luiz Azevedo, filho do fundador do Jornal Correio da Lavoura de Nova Iguaçu, jornal este que foi fundado em 1917 e ainda está em circulação. Essas efemérides retratam assuntos diversos da História de Nova Iguaçu e da Baixada Fluminense em geral, tais como política, economia, sociedade, esporte etc. Tais documentos poderão ser

Ministério da Agricultura, o Ministro Juarez Távora, alguns representantes de São Paulo, do Distrito Federal e de Nova Iguaçu, tendo como representantes iguaçuanos o Srº Sebastião Herculano de Matos (Chefe da Associação dos Citricultores), Pantaleão Rinaldi e Tâmara Rogério e Irmãos (Citricultores e exportadores), Carmine Vernerosa (Citricultora) e Alberto Coccozza, grande exportador de Nova Iguaçu e de São Paulo.

A gestão de Távora a frente do Ministério da Agricultura, caracterizou-se primeiramente por uma reforma estrutural e funcional do ministério com o objetivo de dotá-lo de uma organização mais centralizada e racional⁵⁹. Esta reestruturação, completada no decorrer do segundo semestre de 1933, compreendeu também na criação de órgãos especializados como o Departamento Nacional da Produção Mineral, o Departamento Nacional da Produção Animal, o Departamento Nacional da Produção Vegetal (Já citado anteriormente) e a Diretoria-Geral de Pesquisas Científicas. Foram também melhoradas as estruturas burocráticas ligadas à estatística da produção e contabilidade, proteção e ao fornecimento de créditos.

Tamanha era a preocupação estatal pela qualidade das laranjas destinadas aos mercados estrangeiros, que o Decreto nº 5.760 de 24 de junho de 1930⁶⁰, realizado ainda sob os auspícios do então presidente quem em outubro seria deposto, Washington Luis. Esse Decreto estabelecia que só seriam submetidas ao embarque nos portos, as caixas de frutas que tenham sido previamente submetidas à uma rigorosa fiscalização, devendo ser exercida pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio através de pessoal especializado para esse fim. As remessas de frutas que por descuido do funcionário competente ou que arbitrariamente entrassem nos portos, sem essa devida fiscalização fitossanitária, seriam seriamente penalizadas com multas.

acessados em breve, por toda a sociedade no Centro de Documentação e Memória (CEDIM), situado na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (*Campus Nova Iguaçu*)

⁵⁹ SAES. Guillaume Azevedo Marques de. *O Nacionalismo Econômico e o Desenvolvimentismo do Tenente Juarez Távora (1930-1934)*. II Conferência Internacional em História Econômica & V Encontro de Pós-graduação em História Econômica. Brasília, 23 e 24 de setembro de 2010. p.12.

⁶⁰Decreto nº 5.760 de 24 de junho de 1930. Disponível em <<
<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930/1939/decreto-5760-24-junho-1930-561362-publicacaooriginal-84976-pl.html>>>. Acessado em 27/04/2015 às 09:34 h.

A partir da análise de tal decreto e da visita de Washington Luis já citada anteriormente à Nova Iguaçu em 1929, podemos perceber que essa preocupação pela qualidade e a normatização da produção citrícola nacional atingia também a esfera pública da Primeira República, não ficando, portanto, como política exclusiva do pós-revolução 30. Para a busca dessa qualidade final tão almejada para vencer os grandes concorrentes internacionais, seriam difundidos e incentivados tanto por estímulo estatal e por interesses privados, as casas de embalagem ou barracões, estruturas essas que seriam conhecidas como *Packing House*.

2.2 Os Packing Houses.

O sucesso alcançado com a exportação da laranja em Nova Iguaçu trouxe uma verdadeira revolução no modo de produção da fruta. Com a exportação em alta, e a conquista cada vez maior de mercados estrangeiros diversificados, e ao mesmo tempo, exigentes em fatores referentes quanto a qualidade do fruto como o aspecto, coloração, aroma e sabor, se tornaria necessário para se firmar o compromisso com tais mercados, entregar uma fruta que seguisse um padrão de qualidade e que chegasse a mesa do consumidor final com atributos que intensificassem ainda mais a fama da “melhor laranja do mundo”⁶¹. A resposta para essa encruzilhada foi à adoção dos “*Packing Houses*”.

A efeméride⁶² de Luiz Azeredo do dia 23 de junho de 1929 apresenta a informação de que o Presidente do Estado, o Dr. Manoel Duarte visitara Nova Iguaçu, acompanhado do Secretário Municipal da Agricultura e Obras Públicas, Dr. Rio Borges. Essas autoridades Inspeccionaram o local onde o Estado Fluminense pretendia construir, para a Associação dos Fruticultores, uma casa de embalagem de frutas (*Packing House*) para exportação.

O *Jornal do Brasil*⁶³, publica uma nota, em janeiro 1929, sobre uma importante resolução do Ministério da Agricultura, a compra de equipamentos vindos dos Estados Unidos da América e a construção dos primeiros “*packing houses*”, sendo dois locais contemplados: Limeira (no Estado de São Paulo), e Nova Iguaçu. Segundo tal hebdomadário, os agricultores de Nova Iguaçu mostraram-se bastante animados com tal notícia.

O Dr. Leva Castro, Ministro da agricultura, tendo em vista o desenvolvimento extraordinário, que está tomando a exportação de frutas, principalmente as laranjas, etc... já encommendou nos Estados Unidos duas completas instalações de “*packing house*” com capacidade para 2.400 caixas de laranja diárias, na importância de 318:832\$000, quantia essa que já foi posta a disposição do nosso cônsul geral de Nova York, por telegrama de 11 do corrente mês. Os agricultores de Nova Iguassú, indo ao encontro do louvável acto do Srº ministro da agricultura, vão construir os edifícios para as

⁶¹ CARVALHO, Iracema Baroni. As Laranjas Brasileiras. Nova Iguaçu: Marvic, 1999, p.32.

⁶² Efeméride do dia 23 de junho de 1929.

⁶³ *Jornal do Brasil* (RJ), 19 de janeiro de 1929, p.5. Acessado em memoria.bn.

instalações da sua “packing house”.

Os *Packing Houses* eram barracões onde se estabelecia um interessante e importante processo da produção citrícola, o beneficiamento dos frutos. Operavam em média, cerca de cem pessoas, entre homens, mulheres e crianças, constituindo um importante mercado de trabalho para a cidade⁶⁴. Nessas instalações, a laranja era processada e beneficiada, ato que começava desde a lavagem dos frutos (alguns frutos chegavam bastante sujos, devido ao manuseio da colheita e transporte), onde depois de lavados, eram secos pela ação de poderosos ventiladores. Após esses processos iniciais, a laranja era escovada por uma maquinaria apropriada e por fim, separadas, classificadas de acordo com seu aspecto, tamanho e qualidade, para assim serem embaladas e encaixotadas. Estas instalações na maioria das vezes também eram usadas como depósito para as caixas que ainda seriam embarcadas pelos caminhões ou pelos vagões do trem.

Essas instalações seriam verdadeiras “ponta de lança” no projeto de se organizar a produção, e assim, entregar para os mercados estrangeiros um produto nos mais altos padrões de qualidade. O relatório do agrônomo Eduardo de Sampaio⁶⁵ salientava essa preocupação aparente.

Por último, é importantíssimo, só se fazer a embalagem em entrepostos dotados de toda maquinaria moderna e aperfeiçoada que para esse fim existe, onde possa proceder à uma rigorosa seleção e beneficiamento de modo à que os frutos cheguem nos centros consumidores em estado de conservação e com aparência exigidos para sua boa cotação.

Antes dessas instalações, os frutos eram embalados em sacos de anagem e caixas de cebola, o que significava muitas perdas na qualidade final do produto, pois os frutos poderiam sofrer esmagamentos, onde perdiam suas características gustativas. Além desse problema, poderiam sofrer fermentações indesejáveis e a perda do aspecto estético dos frutos. Waldick Pereira atenta para o fato de que também os sacos e caixas de cebola não eram suficientes para atender toda a demanda dos exportadores. Essa demanda por caixas de madeira, estimulou o desenvolvimento da indústria madeireira no norte do Paraná⁶⁶, onde a produção de tábuas de pinho branco para a confecção de caixas encontrou um grande mercado: as laranjas Iguazuanas.

Os *Packing Houses* trouxeram uma nova modalidade de trabalho para a cidade. No

⁶⁴ SOUZA, Sonali Maria de. *Da laranja ao lote: transformações sociais em Nova Iguaçu*. Rio de Janeiro: PPGAS-MN, UFRJ, Dissertação de mestrado, 1992.p.58.

⁶⁵ O Agrônomo Eduardo de Sampaio era encarregado do Diretório de Fruticultura, e atuava em Nova Iguaçu. AGRICULTURA, Ministério da. **A Fruticultura no Brasil: Sua situação atual e seu futuro**. Rio de Janeiro. Tipografia do Ministério da Agricultura, 1932. P. 60.

⁶⁶ Ibidem, 1977.p,140

eixo econômico trazido pela citricultura, podemos perceber o aparecimento de uma frente industrial que opera no funcionamento de tais instalações. O mercado de trabalho a partir da inauguração dos *Packing houses*, expandia-se com novas categorias de trabalhadores, nas mais variadas funções adjacentes, que iam deste a produção, mecânicos, além é claro dos diversos trabalhadores que atuavam na exportação⁶⁷. E essas novas funções trabalhistas vão se diferenciar das atividades referentes aos tratos culturais dos laranjais, como as capinas, adubações e podas, criando assim, um novo mercado de trabalho onde a produção agora obedece a uma dinâmica industrial, variando em sofisticação e especialização. Nessa nova dinâmica de produção, vários trabalhadores vão se instalando em funções como o transporte das frutas dos pomares até os embarques, na fabricação de caixas de madeira em barracões próprios para esse fim, na limpeza e embalagem dos frutos e no tratamento e acondicionamento das laranjas entre outros serviços.

Nova Iguaçu apresenta um notável desenvolvimento no número de *Packing Houses*, e já em 1931, existiam cerca de 13 instalações desse tipo, excluindo-se o pertencente ao Ministério da Agricultura, e em apenas 04 anos, esse número sobe prodigiosamente para 24 instalações desse tipo. Esse crescimento vertiginoso levou ao enriquecimento e prestígio de muitos homens, como exemplo o italiano Francisco Baroni, grande exportador de frutas e detentor de três *Packing Houses*, sendo um localizado no bairro carioca de Campo Grande⁶⁸ e dois no município de Nova Iguaçu. É importante notarmos as trocas de conhecimento técnico e maquinaria em conjunto com o intercâmbio dos agrônomos americanos da região californiana e os técnicos nacionais que atuaram na região de Nova Iguaçu, pareciam ser intensos, motivados pela crescente influencia que o capital financeiro Norte Americano⁶⁹ já trazia para a economia brasileira pós-primeira Guerra Mundial.

O cooperativismo era visto como grande alternativa para as crises que os produtores e toda a cadeia produtiva da laranja passavam de tempos em tempos. Como todo produto agrícola

⁶⁷ Idem, 1977. p.141.

⁶⁸ É bem provável que os *Packing Houses* de Francisco Baroni tenham beneficiado as laranjas produzidas pelos produtores da região de Campo Grande, na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. No artigo de Pedro Fonseca Leal, são analisadas as atividades agrícolas realizadas por produtores nessa região e a Laranja na década de 30 foi uma importante fonte de renda para estes. LEAL, Pedro Fonseca. Construção do Agricultor “Orgânico”: Os Sitiantes do Rio do Prata, município do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Raízes v.30,nº2, jul-dez/2010. p 71.

⁶⁹ DEAN, Warren. “A Industrialização durante a República Velha ”. _____ (org.) *História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano III. [5ª edição]* Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.p 256.

de caráter exportador, os preços internacionais da laranja sofriam oscilações frequentes, tanto pelos ritmos de consumo que eram variáveis mundo afora, tanto pelo crescimento de potenciais concorrentes como a Espanha e os países da Europa mediterrânea. Nisso, o cooperativismo era uma grande ferramenta para o sucesso da citricultura, pois poderia oferecer aos produtores preços melhores de fretes, insumos para a lavoura em geral e crédito. A principal cooperativa do período áureo da laranja em Nova Iguaçu se localizava-se no Distrito de Austin. De acordo com as notas dos jornais - *Diário Carioca* e a *Batalha* - ambos do então Distrito Federal, cooperação entre os produtores poderia alavancar a citricultura com segurança e pujança.

Com a inauguração do “Packing House” de Nova Iguaçu, podê-se afirmar que a citricultura fluminense entrou no plano de organização graças a ação do governo. Foi uma vitória do cooperativismo e isto porque somente depois que os grandes e pequenos citricultores se organizaram em cooperativas, tornou-se possível a sua emancipação⁷⁰.

De acordo com os referidos jornais, ainda seriam construídas mais duas cooperativas: uma em Austin e outra em Queimados. Essas cooperativas de agricultores tinham como premissa principal, solucionar sistematicamente as crises agudas sofridas pelos citricultores Iguaçuanos, principalmente no que concerne a questão de preços e qualidade do produto final. A cooperação entre os produtores era vista como uma ferramenta para a citricultura iguaçuana crescer forte e com objetivos pautados no desenvolvimento. Segundo os jornais apresentados, essa instalação procurava, também, ser uma garantia da qualidade do produto final também ao mercado interno

O grande “packing-house” da Cooperativa dos Citricultores de Nova Iguaçu” destina-se ao beneficiamento e a embalagem de fructas, bem como à sua venda para os mercados externo e interno. Ao consumidor nacional as fructas são vendidas em pessimas condições e embalagem precária. A alludida Cooperativa está aparelhada para collocar no mercado interno laranjas seccionadas em optmas condições de embalagem, tendo ainda a capacidade para beneficiar diariamente perto de cinco mil caixas de laranjas⁷¹.

A nota do Jornal acima elucidada de forma bem clara o direcionamento dos melhores frutos para a exportação, deixando para o consumidor interno os com menor padrão de qualidade. No processo de seleção que acontecia na maquinaria e nas mãos dos “operários da laranja”, os melhores mercados sempre teriam a chance de desfrutar dos melhores produtos, e essa é uma diretriz que sempre será exercida pelo mercado. Tal cooperativa visava, contudo,

⁷⁰ A *Batalha*(RJ), 30 de agosto de 1939,p.04. Acesso em memoria.bn

⁷¹ *Diário Carioca*(RJ),30 de agosto de 1939, p.08. Acessado em memória.bn

quebrar esse processo, algo que seria bem difícil em se tratando do direcionamento da exportação, pois é um processo que acontece até os dias de hoje, com os mais diversos produtos agrícolas.

Imagem 01: fotografia do interior de um “Packing House” em Nova Iguaçu.



Fonte: AGRICULTURA, Ministério da. *A Fruticultura no Brasil: Sua situação atual e seu futuro*. Rio de Janeiro. Tipografia do Ministério da Agricultura, 1932.p. 60.

A partir da imagem acima, podemos perceber o grande número de trabalhadores e a maquinaria empregados nos *Packing Houses*, nas mais diversificadas funções, tais como: limpeza dos frutos, acondicionamento dos frutos, seleção das melhores frutas, armazenamento nas caixas de madeira entre outras. Diferente dos trabalhos nas lavouras de laranjais, a rotina de trabalho nos barracões seguia assim uma lógica industrial. Essas instalações seguiam assim a vertente da modernização da agricultura, com os objetivos de torna-la mais produtiva e qualitativa.

CONCLUSÃO

Nossa pesquisa mostrou como os anos 1930, caracterizaram-se por um período de intenso movimento de intervenção estatal na economia. Buscava-se diversificar a produção nacional de bens agrícolas, para atenuar às profundas crises oriundas de um mundo em recessão, decorrente da grande queda da Bolsa de 1929 e da queda abrupta do café, de longe o principal produto de exportação. Esta não foi a primeira intervenção na economia local. Como vimos, as iniciativas de políticos como Nilo Peçanha, antes desse processo paulatino de diversificação dos anos 30, já atuavam no intuito de diversificar para mudar. Nos anos 20, Nova Iguaçu já despontava como grande produtora nacional de laranjas.

A agricultura foi um dos setores que sofreu maior mudança, dentro dessa nova esfera da economia nacional. Não obstante, a laranja seguiu como uma alternância ao café, encontrando terreno para crescimento, principalmente em áreas como o grande município da Baixada Fluminense: Nova Iguaçu. Por sua vez, a cidade apresentará um crescimento econômico vertiginoso, além de uma grande migração de mão de obra para o trabalho nessa nova riqueza, que por sua vez, não brotava da terra como ouro, mais que dava frutos da cor do tão almejado metal.

Nisso, podemos também salientar que algumas políticas e incentivos para que os frutos cítricos pudessem se manter competitivos nos mais exigentes mercados externo foram feitas. Buscando-se a excelência na qualidade dos frutos e a ampliação dos mercados, são criados barracões especiais de beneficiamento, os *Packing Houses*. Essas instalações possuíam uma dinâmica produtiva diferenciada e fariam um turbilhão de mudanças na orientação do cultivo citrícola de Nova Iguaçu. Não obstante, essas instalações também entram no processo modernizante que a agricultura passara no período dos anos 30, onde a modernização da produção era ampliada por meios estatais ou privados, com o intuito de alavancar o país economicamente, trazendo tecnologias para aumentar a qualidade do produto final e levar a produção brasileira para um patamar mais tecnicista.

A laranja encontrou todas as condições para seu total desenvolvimento em território Iguaçuano: clima propício, solo com boas condições de cultivo, mão de obra abundante, mercados internos e externo para escoamento da produção, proximidade com o porto do Rio de Janeiro, o que barateava os fretes, além de diversos investimentos privados e estatais. A qualidade dos frutos produzidos em Nova Iguaçu agradava o paladar de diversos mercados consumidores mundo afora, trazendo fama, prestígio e recursos financeiros para os envolvidos em tal processo

A produção brasileira de laranjas, assim como suas exportações para a Europa estavam ido a todo vapor, como discorrido nas páginas anteriores deste trabalho monográfico. Mais eis que, no dia 01 de setembro de 1939 é deflagrada a Segunda Guerra Mundial. A guerra tem influencia clara na exportação de frutos, uma vez que os fretes marítimos com navios frigoríficos ficariam seriam alocados para outros produtos, além de ficarem mais caros. Os países europeus, diminuiriam bastante o consumo da fruta, visto o esforço econômico que a guerra necessitava. Outro item que também subira drasticamente de preços foi a gasolina nesse período, tendo um sério racionamento imposto pelo Governo⁷². Esse racionamento do combustível e seu elevado preço elevaria ainda mais o percentual do custo de produção da laranja.

Nesse ínterim, muitos produtores não tinham para onde vender seus frutos, ficando no pé e atraindo uma praga que há tempos já era conhecida dos fruticultores, a Mosca do Mediterrâneo⁷³. Sem capital para adquirir os insumos e inseticidas para combatê-la, a praga fez estragos nas lavouras, pois as larvas dessa mosca depois que eclodiam, destroem a polpa da fruta, atraindo fermentações e estragando o aspecto estético do fruto. Resumindo, esse fruto tornava-se impróprio para a venda. Além disso, os chacreiros ficaram descapitalizados para seguir o trato dos laranjais, como adubações, defesa contra doenças etc.

Hasse (1986) salienta que não somente os citricultores iguaçuanos sofreram com o infortúnio da segunda guerra mundial, os produtores de outro grande centro produtor, a cidade de Limeira, no interior do Estado de São Paulo, também sofreram com isso. O autor salienta que os produtores paulistas fizeram verdadeiras “engenhocas” para continuar na atividade, fazendo máquinas que extraíam o óleo da laranja para depois comercializar. Porém, o autor afirma que os produtores de Nova Iguaçu ainda tinham como vantagem comparados aos paulistas, os mercados externos da Bacia do Prata (Argentina e Uruguai) e o Chile, pois a guerra não influenciou esses

⁷² Os racionamentos também foram utilizados em combustíveis como o carvão vegetal e mineral. Diário Oficial- 18/08/1942. Disponível em <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2454443/pg-28-secao-2-diario-oficial-da-uniao-dou-de-18-08-1942>.

⁷³ A mosca do Mediterrâneo é um tipo de mosca originária da África do Norte, cuja larva se alimenta da polpa dos frutos, causando inúmeros prejuízos.

mercados e continuariam a receber as laranjas iguaçuanas. Quais seriam então os produtores, que ainda teriam uma parte dos mercados abertos para venda? Numa resposta prévia, podemos dizer que seriam os que possuíam recursos para o trato dos laranjais, podendo combater a mosca do mediterrâneo, fazer os tratamentos culturais necessários etc. para entregar o produto em boas condições.

De acordo com Pereira (1977), logo depois do final da segunda guerra mundial, a laranja tentará se organizar, com a criação do dia da laranja em 1955. A produção e a exportação nunca mais se recuperarão do duro golpe da grande guerra segundo o autor. Souza (1992) salienta que agora as áreas ocupadas pelos laranjais sofreram a concorrência de uma nova atividade econômica, que não será agrícola e sim a especulação imobiliária. Hectares e mais hectares de terra são loteados, dando início a uma grande especulação imobiliária. De qual maneira, se tornara mais interessante lotear e vender a terra, do que continuar com a citricultura? Por que em Limeira, com todas as dificuldades que também passou nos tempos de crise de produção, custo e exportação, o cultivo continuou e alastrou-se por todo o noroeste paulista? Será a proximidade da cidade de Nova Iguaçu, com a capital Brasileira – a Cidade do Rio de Janeiro- aliada a grande migração e o êxodo rural como fatores primordiais para o crescimento dos desmembramentos da terra em lotes urbanos e o abandono dos laranjais? E o Governo do Estado do Rio de Janeiro, que tempos dantes estimulava tanto a produção na década de 20 e 30, por que razão não o continuou nas décadas posteriores à crise? São perguntas que ainda carecem de algumas respostas mais contundentes, mais lanço uma hipótese que poderá futuramente ser comprovado. Com a análise de algumas fontes jornalísticas e de um encarte agropecuário dos anos 30, percebi de imediato que a procura de lotes para moradias no território iguaçuano como um negócio promissor. Algumas propriedades na década de 1930, época de maior vulto nos negócios dos laranjais, já colocavam a venda lotes para pagamentos à vista ou à prestações. Em outra pesquisa que iniciei como orientação do Professor Álvaro Pereira do Nascimento, pesquisa essa que analisa os contratos de compra e venda de terras no Cartório do 1º Ofício da cidade, percebi que muitas empresas do Distrito Federal compraram lotes para depois lucrar com a venda. O processo de venda de lotes, buscando-se lucrar com a chegada de pessoas em busca de terrenos para a região metropolitana do Rio é anterior à crise causada pela guerra, esta, só acelerou um processo que estava em voga. Só um trabalho futuro de dissertação de mestrado poderia preencher essa lacuna, com mais

dados, fontes e pesquisa, procurando assim corroborar para preencher essa lacuna da História da Baixada Fluminense.

Verificamos no decorrer do trabalho o grande *boom* da produção citrícola nacional, no que concerne a quantidade de terras destinadas a tal cultura, número de caixas produzidas e as respectivas quantidades exportadas por Nova Iguaçu. É bastante perceptível a grande participação do Estado do Rio de Janeiro na produção nacional e a ênfase da citricultura iguaçuana nesse processo de crescimento substancial dessa cultura no recorte temporal exposto.

Muito ainda nos resta para verificar dentro desse âmbito de pesquisa, mas queremos novamente estabelecer as relações entre o surgimento da laranja nos campos Iguaçuano e a sua paulatina importância para o processo de diversificação da produção agropecuária que o país estava vivendo. A Laranja surge como alternância ao café (em franca decadência no Estado fluminense), preenchendo sua importância, angariando investimentos, atraindo mão de obra e divisas para o tesouro estadual e nacional. Nesse trabalho, não nos dispusemos a acrescentar os fatores e a crise que a laranja passou a partir do início da Segunda Grande Guerra por entender que poderia fugir do recorte temporal exposto, além de levar a um maior levantamento de dados e pesquisas, algo que será feito numa futura dissertação de mestrado. Muito ainda se tem a descobrir e pesquisar nesse pedaço de chão tão importante para a História Brasileira e do Estado do Rio de Janeiro.

FONTES

A) Anuário Estatístico do IBGE- Anos de 1936 e 1941.

Disponível em >>em <http://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=720>>> Acessado em 21/02/2015 às 14:00h.

B) Decretos-Lei.

Decreto nº 5.760 de 24 de junho de 1930. Disponível em <<<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-5760-24-junho-1930-561362-publicacaooriginal-84976-pl.html>>>. Acessado em 27/04/2015 às 09:34 h.

Decreto nº 22.416, de 30 de Janeiro de 1933. Disponível em <<<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-22416-30-janeiro-1933-504172-norma-pe.html>>> Acessado em 27/04/2014 às 15:30 h

C) Diários Oficiais da União. Disponíveis em
<<<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/DOU/1933/04/27>>> Acesso em 04/05/2015 às 14:56 h.

D) Livros impressos disponíveis no setor de obras raras da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

AGRICULTURA, Ministério da. *A Fruticultura no Brasil: Sua situação atual e o seu futuro*. Rio de Janeiro. Tipografia do Ministério da Agricultura, 1932.

ASSIS, Esteves. *As Laranjas da Bahia. Conferencia sobre a Producção e commercio*. Imprensa Official do Estado, n.1.1928

FRANÇA, Francisco F. *Conselhos práticos para a cultura de laranjeiras*. Granja Aparecida, Retiro Nova Iguassú. Rio de Janeiro. 1936, p.04

INSTRUCCIÓN PÚBLICA, Ministério de. *La Naranja. Fruta de Salud*. Comisión Nacional de Alimentación correcta para el Pueblo. TyP. Nacional. Montevideú, 1930. P. 01.

F) Jornais acessados em memória.bn.com

A Batalha (RJ), 30 de agosto de 1939, p. 04.

Correio da Manhã (RJ), 17 de maio de 1930. p.08

Diário Carioca (RJ), 19 de junho de 1928, p.07.

Diário Carioca (RJ), 30 de agosto de 1939, p.08.

Diário Carioca (RJ). Quinta feira, 19 de junho de 1928, P.07.

Jornal do Brasil (RJ), 19 de janeiro de 1929, p.5.

G) Jornal Correio da Lavoura: *Jornal Correio da Lavoura*, 04 de Março de 1937, p, 1.



Disponível no Centro de Documentação e Memória (CEDIM), situado na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (*Campus Nova Iguaçu*).

H) Efemérides do Jornalista Sylvino de Azevedo (Disponível no Centro de Documentação e Memória (CEDIM), situado na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, *Campus Nova Iguaçu*).

Efeméride do dia 23 de junho de 1929.

Efeméride do dia 24 de junho de 1933.

BIBLIOGRAFIA (Livros, artigos, teses e dissertações)

CARVALHO, Iracema Baroni. *As Laranjas Brasileiras*. Nova Iguaçu. Marvic, 1999.

DEAN, Warren. “*A Industrialização durante a República Velha*”. _____ (org.) *História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano III. [5ª edição]* Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

DIAS, Amália. *Entre laranjas e letras: processos de escolarização no distrito-sede de Nova Iguaçu (1916-1950)*. Rio de Janeiro, UFF, Tese de Doutorado, 2012.

FAUSTO, Bóris. “*Expansão do café e política cafeeira*”. _____ (org.) *História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano III. [5ª edição]* Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *Em busca da idade do ouro. As elites políticas fluminenses na Primeira República (1889-1930)*, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

FERREIRA, Marieta de Moraes e PINTO, Surama Conde Sá. “*A crise dos anos 1920 e a Revolução de 1930*” in FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs.). *O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003. pp. 387-415 (O Brasil Republicano; v.1

FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*- 34 ed. – São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

HASSE, Geraldo. *A Laranja no Brasil 1500-1987: a História da agroindústria cítrica brasileira. Dos Quintais colônias às fabricas exportadoras de suco do século XX*. São Paulo: Duprat & Propaganda, 1987.

HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Impérios*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2005.

LAMARÃO, Sergio Tadeu de Niemeyer. *Crise econômica e centralização política: o*

Estado do Rio nos primeiros anos da Era Vargas (1930-1937) .Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada – Vol. 5 No 8 Jan-Jun 2010

LEAL, Pedro Fonseca. *Construção do Agricultor “Orgânico”*: Os Sitiantes do Rio do Prata, município do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Raizes v.30,nº2, jul-dez/2010.

LINHARES, Maria Yedda. *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Campus (1990).

LOBO, Eulalia Maria Lahmeyer. “*A Imigração portuguesa e a mão-de-obra do Rio de Janeiro na Primeira República*” .p.287-319. In SILVA, Sérgio & SZMRECSÁNYI, Tamás. (orgs.) *História econômica da Primeira República*. São Paulo: Edusp/Hucitec, 2002.

MARQUES, Alexandre dos Santos. Baixada Fluminense. *Baixada Fluminense: da conceituação às problemáticas sociais contemporâneas*. Revista pilares da história – Duque de Caxias e Baixada Fluminense. Ano 4- número 6 abril /2006.

MELO, Hildete Pereira de. “*O café e a economia fluminense, 1889/1920*”, pp. 215-234. In SILVA, Sérgio & SZMRECSÁNYI, Tamás. (orgs.) *História econômica da Primeira República*. São Paulo: Edusp/Hucitec, 2002.

MENDONÇA, Sônia Regina de. Estado e economia no período 1930-1955. In: *Estado e economia no Brasil: opções de desenvolvimento*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1987. (parte I)

_____. *Grande propriedade, grandes proprietários: Velhas questões, novas abordagens (1890-1930)* In SILVA, Sérgio & SZMRECSÁNYI, Tamás. (orgs.) *História econômica da Primeira República*. São Paulo: Edusp/Hucitec, 2002.

_____. *Sociedade Civil, Sociedade Política e Agricultura no Brasil (1910 – 1945)* . História e Perspectivas, Uberlândia (48): 43-80, jan./jun. 2013 .

NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. *Trajetórias de duas famílias negras no pós abolição. (Nova Iguaçu, século xx)*. In: VI Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, 2013, Florianópolis. Anais do VI Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Florianópolis, 2013. v. 1.

OLIVEIRA, Francisco.” *A Emergência do modo de produção de Mercadorias: Uma interpretação teórica da Economia Velha no Brasil*”. _____ (org.) *História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano III. [5ª edição]* Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

OLIVEIRA, Orlandina de y ROBERTS , Bryan “ *Las estructuras agrarias de América Latina, 1930-1990.*, p. 216 – 267. in BETHELL, Leslie. *História da América Latina: A América Latina após 1930: Economia e Sociedade Vol. 6*. EdUSP, 2005.

PEREIRA, Waldik. *Cana, Café e Laranja: historia econômica de Nova Iguaçu*. Rio de Janeiro. Fundação Getulio Vargas. SEEC, 1977.

POLANYI, Karl. *A grande transformação*. Rio de Janeiro Leya, 2013.

PRADO JÚNIOR, Caio. *História econômica do Brasil*. São Paulo. Brasiliense, 2004.

RODRIGUES, Adrianno Oliveira. *De Maxambomba a Nova Iguaçu (1833 – 90’s): Economia e Território em Processo*. Rio de Janeiro, UFRJ-IPPUR, Dissertação de Mestrado em



Planejamento Urbano e Regional, 2006.I

SAES. Guillaume Azevedo Marques de. *O Nacionalismo Econômico e o Desenvolvimentismo do Tenente Juarez Távora (1930-1934)*.II Conferência Internacional em História Econômica & V Encontro de Pós-graduação em História Econômica. Brasília, 23 e 24 de setembro de 2010.

SIMÕES , Manoel Ricardo. *Ambiente e Sociedade na Baixada Fluminense*. Mesquita. Editora Entorno, 2011.

SINGER, Paul.” *O Brasil no contexto do capitalismo internacional*”. _____ (org.)*História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano III*. [5ª edição] Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

SOUZA, Sonali Maria de. *Da laranja ao lote: transformações sociais em Nova Iguaçu*. Rio de Janeiro: PPGAS-MN, UFRJ, Dissertação de mestrado, 1992.

TEUTEBERG, Han Jurge e FRANDIM, Jea-Louis.” *Transformações do Consumo Alimentar*” in: *História da Alimentação/Organização* de Jean-Louis Frandim e Massimo Montanari.São Paulo. Estação Liberdade, 1998.

ANEXOS

Anexo A (Tabela)

Produção nacional de Laranja entre 1920 e 1939

Anos	Quantidade total de toneladas	Quantidade “per capita”	Valor total Contos de Réis.
1920
1921	77.000	2,4	142\$900
1922	87.500	2,7	144\$300
1923	105.000	3,2	142\$900
1924	122.500	3,7	114\$300
1925	140.000	4,1	114\$300
1926	157.500	4,5	171\$400
1927	175.000	4,9	200\$000
1928	280.000	7,7	200\$000
1929	385.000	10,4	200\$000
1930	420.000	11,2	285\$700
1931	700.000	18,2	285\$700
1932	850.000	22,3	285\$700
1933	1.036.452	26,0	331\$200
1934	1.151.976	28,3	330\$200
1935	1.146.359	27,6	333\$300
1936	1.221.103	28,8	291\$600
1937	1.135.848	26,3	271\$600
1938	1.203.075	27,3	232\$300

1939	1.198.953	26,6	183\$700
-------------	-----------	------	----------

Tabela 01- Fonte: Adaptado dos Anuários estatísticos do IBGE 1941

Anexo B: Total de caixas exportadas pelo Brasil em comparação como as despachadas pelo porto do Rio de Janeiro e sua respectiva arrecadação.

Ano	Total de caixas de laranja exportadas pelo porto do Rio de Janeiro	Total de caixas de laranja exportadas total Brasil.	Valor total
1926	149.759	162.087	3.919:883\$000
1927	317.639	355.650	5.909:536\$000
1928	432.738	540.227	10.012.:639\$000
1929	605,034	952.031	15.307:233\$000
1930	663.713	817.197	16.075:617\$000
1931	1.281.461	2.088.893	47.552:722\$000

Fonte: Adaptado de AGRICULTURA, Ministério da. **A Fructicultura no Brasil: Sua situação atual e seu futuro.** Rio de Janeiro. Tipografia do Ministério da Agricultura, 1932, p.03-04.

Anexo C: Os 10 produtos agrícolas (Matérias-primas e alimentos) com maior Participação na Receita Cambial Brasileira no ano de 1939.

Produto	% (Porcentagem)
Café	39,8
Algodão	20,4
Cacau	4,0
Carne	3,9
Couro	2,1
Laranja	2,1
Cera de Carnaúba	2,1
Mamona	1,7
Pinho	1,5

Fonte: Adaptado de HASSE, Geraldo. A Laranja no Brasil 1500-1987: a História da agroindústria cítrica brasileira. Dos Quintais colônias às fabricas exportadoras de suco do século XX. São Paulo: Duprat & Propaganda, 1987

Anexo D: Exportação de laranjas pelo Porto do Rio de Janeiro por localidade no ao de 1931.

Unidades (Caixas)

Procedência	Maio	Junho	Julho	Agosto	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
Nova Iguassú	500	1.500	29.541	31.992	51.662	82.296	78.247	43.903	319.641
Campo Grande	1.093	11.527	33.014	68.603	72.923	60.752	39.786	7.886	295.686
Morro Agudo	-	1.511	8.074	14.553	35.396	39.031	50.428	10.144	159.137
Mesquita	100	5.697	21.241	15.905	13.861	17.044	15.273	4.335	93.456
Inhoahiba	-	5.021	5.033	4.539	17.008	20.336	16.483	2.498	70.984
Cabuçu	-	-	-	16.191	15.545	22.974	15.036	877	70.984
Austin	-	2.057	7.500	3.488	9.249	9.534	14.781	10.673	70.623
Taubaté	12.460	15.906	26.846	-	-	-	-	-	57.324
São Gonçalo	1.281	7.956	12.218	6.389	12.137	4.953	3.607	2.838	55.212
Frigorífico	-	-	-	-	-	5.971	9.188	13.326	51.379
Bangu	-	-	-	-	10.486	11.019	3.946	-	28.485
Paciência	-	1.500	6.777	4100	-	9.500	500	-	25.451
Santíssimo	-	-	-	-	6.918	8.027	4.267	-	22.377
Caçapava	4.495	4.988	-	-	-	-	-	-	19.312
Jacarey	-	-	-	2713	-	-	-	-	9.483
Jacarepagua	-	-	-	-	200	-	-	-	200
Total	19.929	57.663	150.234	168.473	245.377	251.648	251.648	96.580	1.281.461

Fonte: AGRICULTURA, Ministério da. *A Fructicultura no Brasil: Sua situação atual e seu futuro*. Rio de Janeiro. Tipografia do Ministério da Agricultura, 1932. p.13.

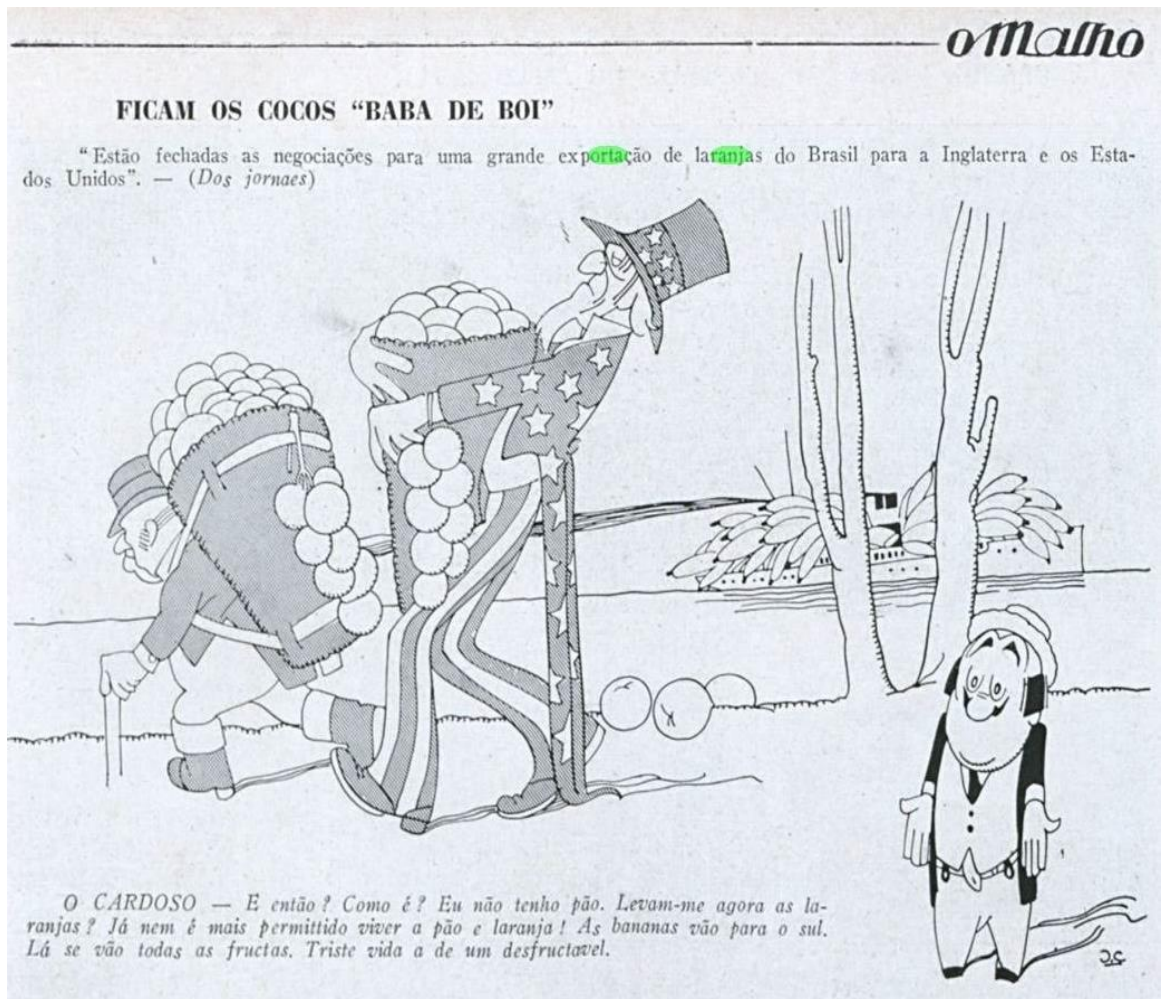
Anexo E- Exportação de laranjas pelo porto do Rio de Janeiro no ano de 1931.

Unidade (Caixas)

Destino	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Nov.	Dez.	Total
Inglaterra	16.011	50.744	130.827	165.248	242.977	273.762	141.593	-	1.021.162
Argentina	1.835	944	-	-	-	1.420	106.707	96.580	207.566
Holanda	500	-	7.646	-	-	1.500	750	-	25.131
Alemanha	1.483	4.535	7.551	1.775	2000	-	1.999	-	19.343
Bélgica	-	1.000	3.020	1000	-	-	-	-	5.020
Chile	100	440	100	-	4000	-	599	-	1.639
França	-	-	1.100	450	-	-	-	-	1.550
Casa Branca	-	-	50	-	-	-	-	-	50
Total	19.923	57.663	150.294	168.473	245.377	251.648	251.648	96.580	1.281.461

Fonte: AGRICULTURA, Ministério da. *A Fructicultura no Brasil: Sua situação atual e seu futuro*. Rio de Janeiro. Tipografia do Ministério da Agricultura. 1932. p.14

Anexo F: Charge demonstrando a preferência de envio ao exterior, das frutas de melhor qualidade. Ano de 1923.



Fonte: O Malho (RJ), ano 1923, edição 1063. Disponível em memória.bn.com

Anexo G: Propaganda de produtos químicos usados na década de 30 para a citricultura.

**Defenda a Hygiene dos seus Pomares
Pulverizando as laranjeiras com**



CITROL - Insecticida contendo 86% de oleo mineral especialmente refinado para pulverização das laranjeiras. Registrado sob o numero 1 no Serviço de Defesa Sanitaria Vegetal do Ministerio da Agricultura em 23 de Agosto de 1934, e pelo mesmo empregado em grande escala.

FUNGOL - Fungicida-insecticida á base de cobre colloidal e oleo mineral. Substitue com vantagem a Calda Bordaleza e productos semelhantes. Registrado no Serviço de Defesa Sanitaria Vegetal do Ministerio da Agricultura sob o numero 11, em 6 de Dezembro de 1934.

Peçam nosso livreto que descreve e illustra as pragas e doenças das laranjeiras.

ANGLO-MEXICAN PETROLEUM CO. LTD.
PRAÇA 15 DE NOVEMBRO, 10 - RIO

Fonte: FRANÇA, Francisco F. *Conselhos práticos para a cultura de laranjeiras*. Granja Aparecida, Retiro Nova Iguassú. Rio de Janeiro. 1936, p.02